

Cobertura 3

Oração de São Vicente

Ó meu Salvador, Jesus Cristo,
fostes santificado
para que também os homens fossem santificados;
fugistes dos reinos da terra,
de suas riquezas e de suas glórias,
preocupando-vos somente com o reino de Vosso Pai...
o que não devemos fazer para imitar-vos...

Oh, Senhor,
fazei que vosso Pai reine em nós
e reinai Vós mesmo em nós,
fazendo-nos reinar em Vós
mediante a fé, a esperança,
o amor, a humildade,
a obediência
e a união com vossa Divina Majestade
Amém.



“Rogo-vos renovar vossa coragem de servir a Deus e aos pobres com maior fervor, humildade e caridade, do que nunca” SL, C. 638, pág. 678

(aqui deve constar a imagem do selo da Companhia)

“Precisamos da graça para começar, e ainda mais para perseverar até o fim”.

SV, I, pág. 399



Sumário
setembro-outubro de 2014

- 282 Carta às Filhas da Caridade, 31 de agosto de 2014
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral
- 285 Carta de 27 de setembro de 2014
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 288 **Sessão Internacional**
de Irmãs com mais de 40 anos de vocação
- 289 Ser feliz na segunda vertente da vida
Alguém está esperando por mim! A espiritualidade do envelhecimento
Frei J. F, Vergonjeanne, op
- 304 Maria e a maturidade espiritual diante da Cruz
Padre Patrick Griffin, texto lido pelo Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral
- 319 Luísa de Marillac, mulher discípula, colaboradora, formadora e mãe
Padre Corpus Delgado, cm

PADRE B. SCHOEPFER, DIRETOR GERAL

Carta às Filhas da Caridade
31 de agosto de 2014

Queridas Irmãs,

Na terça-feira, 25 de março, festa da anunciação do Senhor, o Padre Gregory Gay instalou-me como Diretor geral das Filhas da Caridade. Desde então, participei de muitos conselhos, da Assembleia Provincial da Quase-Província, de sessões de formação das Irmãs e de diversos encontros...Agradeço a Irmã Evelyne por sua escuta, seus conselhos e estímulos.

O ano de 2014 é um ano importante para mim. Na verdade, no dia 4 de maio, celebrei os meus vinte e cinco anos de sacerdócio e em setembro estarei completando 30 anos de vocação. O chamado do Padre Gregory foi para mim um momento de surpresa, de confiança e de paz. No ritual das ordenações, existe uma palavra que mora em meu coração: “Que o próprio Deus termine em vós o que começou”. Acredito profundamente que Deus está agindo em nossas vidas. São Vicente nos diz que “*a verdadeira sabedoria consiste em seguir a Providência, passo a passo*” (SV, II, pág. 552).

Foi em 1989 que dei os meus primeiros passos no ministério presbiteral. Fui enviado à Diocese de Amiens, onde o próprio São Vicente viveu uma experiência espiritual em janeiro de 1617, em Folleville. Éramos três coirmãos para vivermos a missão na região Oeste do departamento de Somme em Saint Riquier. Durante mais de oito anos percorri os caminhos desta região. A pastoral no meio rural permitiu-me visitar as famílias, acompanhar os catequistas, constituir equipes de preparação para o Batismo, organizar corais para animação litúrgica, etc. Tínhamos a responsabilidade de animar a vida pastoral de aproximadamente trinta vilarejos. Tentamos formar batizados para que assumissem a sua “Igreja”. Diversas equipes foram constituídas para responder à vida concreta das pessoas, às expectativas dos cristãos deste território.

Em 1998, fiz parte do CIF (Centro Internacional de Formação). Durante três meses, com um grupo de quinze coirmãos, fizemos uma releitura de nossa vida missionária à luz das Constituições da Congregação

da Missão; uma bela experiência de Internacionalidade da Congregação. No final deste tempo de formação, renovamos o nosso “sim” no seguimento do Cristo Evangelizador dos Pobres.

Depois, durante seis anos, participei da equipe de animação da Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. O acolhimento dos peregrinos, o sacramento da reconciliação, a celebração da Eucaristia, a oração do terço foram lugares de experiência de fé e de alegria, mas também de encontros com pessoas feridas pela vida, pelo sofrimento, com peregrinos que vinham confiar suas vidas “ao pé do altar”. A Capela é um dos lugares que, quando o padre diz: “Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe” inúmeros peregrinos avançam em direção ao altar para rezar, suplicar e falar com Maria.

Participando da animação da capela, partilhei da vida dos seminaristas lazaristas em formação para o ministério presbiteral. Fico feliz de ter podido acompanhar muitos coirmãos, de diferentes países do mundo, em seu percurso de formação.

Em 2004, fui nomeado superior da Casa-Mãe em Paris. Fui substituído pelo Padre Bertrand Ponsard, no domingo, 31 de agosto. Dez anos de animação de uma Comunidade de coirmãos de muitas gerações, de coirmãos de culturas diferentes. Diariamente, éramos pelo menos três continentes diferentes ao redor da mesa. Penso que vivi a internacionalidade da Congregação da Missão pelo fato de ter sido o responsável pela Comunidade. Quantos acontecimentos, sessões, encontros, transformações, trabalhos, alegrias, provações ao longo desses anos de serviço. Tentei acompanhar meus coirmãos com paciência, perseverança e humor. Sabemos por experiência que viver em Comunidade é um ato de fé. Não nos escolhemos. Nós nos recebemos de Cristo para viver a missão da Igreja.

Durante estes anos de sacerdócio, também fui conselheiro espiritual da Sociedade São Vicente de Paulo e Assessor Nacional das Equipes de São Vicente (A.I.C-França). Sou profundamente agradecido a todos estes homens e mulheres, pois com os membros da Família Vicentina, aprendi a aprofundar e a partilhar nosso carisma comum. Fazendo memória dos rostos encontrados e das ações realizadas juntos, faço minhas as palavras de São Paulo aos Coríntios: “*O que é que possues que não tenhas recebido?*” (1 Cor 4, 7).

Agora, desejo viver plenamente meu serviço com a Companhia das Filhas da Caridade. É com confiança e disponibilidade que acolho esta nova missão. O Padre Patrick Griffin iniciou-me nos primeiros passos deste belo ministério. Ele me ensinou o papel do Diretor geral em três verbos: acompanhar, animar e formar. Muito obrigado ao Padre Patrick por sua dedicação e amizade fraterna.

Com cada uma aprenderei a prosseguir o caminho da vida, o caminho da fé. Como a Virgem Maria, aprendamos a dizer diariamente: “Eis-me aqui”, assim, a “audácia da caridade” transformará nossos corações para um “novo elã missionário”. Que São Vicente e Santa Luísa nos ajudem a realizar não nossas obras, mas as do Senhor, a serviço dos pequeninos!

Agradeço profundamente por suas cartas, mensagens e orações por ocasião da minha nomeação e pela festa de São Bernardo.

A certeza da minha oração fraterna.

Padre Bernard SCHOEPFER, cm.
directeurgeneral@cfdlc.org

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 27 de setembro de 2014

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Em uma conferência aos Padres da Missão, em 30 de maio de 1659, São Vicente pronunciou esta frase, muitas vezes retomada posteriormente:

*“Uma coisa é certa, fui enviado não somente para amar a Deus, mas para fazê-Lo amado. Não me basta amar a Deus, se meu próximo não O ama”*¹.

Escolhi, este ano, estas poucas linhas para expressar-lhes meus votos de uma santa e boa festa de São Vicente. Nosso Fundador era animado de uma paixão por Nosso Senhor reconhecido e servido nos pobres e de um entusiasmo contagiante para ir além, para *fazer mais*, duas características que o tema de nossa Assembleia geral faz ecoar.

Escutemos novamente São Vicente falar-nos dos pobres, de ontem e de hoje, e da radicalidade de nossa doação a Deus:

*“Os pobres que não sabem para onde ir, nem o que fazer, que já estão sofrendo e que se multiplicam todos os dias, eis o meu peso e a minha dor”*².

*“É preciso ir a Deus retamente, sem buscar outra coisa senão agradar-Lhe”*³.

*“Permaneci na disposição de querer tudo o que Ele quiser”*⁴.

Peçamos ao Senhor, pela intercessão de São Vicente, ser fiéis ao espírito da Companhia.

Acabo de realizar uma visita a Bielorrússia com a Irmã Zofia Daniscakova. Primeiramente participamos em Minsk do encontro de formação e de intercâmbio organizado regularmente pelas Irmãs que servem nos países da ex-União Soviética, ou seja, em Bielorrússia, na Ucrânia, na Rússia e no Cazaquistão. Elas eram aproximadamente quarenta Irmãs e pertencem às Províncias de Chelmno, Cracóvia, Varsóvia e Eslováquia.

As Irmãs que vivem na Ucrânia descreveram as consequências das tensões políticas sobre a população: muitas pessoas deslocadas a leste e a oeste, a angústia de ver partir os jovens para o exército.

As Irmãs do Cazaquistão nos relataram a missão de um mês que puderam realizar no Uzbequistão, país onde o acesso é muito difícil para os estrangeiros. As Irmãs da Rússia e Bielorrússia partilharam igualmente as alegrias e desafios encontrados em seus serviços.

Em seguida, a Irmã Zofia e eu, acompanhadas pela Visitadora da Província de Varsóvia, visitamos a Comunidade de Shumilino e o anexo de Minsk em Bielorrússia. Admiramos os serviços que as Irmãs prestam às pessoas isoladas, idosas e doentes, assim como a acolhida que reservam aos jovens e a formação sólida que lhes propõem em união com a pastoral da Igreja local.

Na Casa Mãe, a quinta sessão de revigoramento espiritual e vicentino que reúne 79 Irmãs de 7 a 10 anos de vocação será brevemente concluída. Elas preparam uma mensagem destinada à Assembleia Geral. Estamos felizes em constatar que todos esses encontros por idade de vocação permitiram às Irmãs fazer uma experiência marcante da internacionalidade da Companhia e da atualidade do carisma vicentino.

Há dois dias, celebramos o envio em missão de duas Irmãs da Província do Vietnã para a Província Chinesa. A Eucaristia foi presidida pelo Padre Bernard e contou com a participação de todas as Irmãs da sessão. Rezemos juntas por estas novas missionárias e por aquelas que virão.

No próximo mês, se reunirá na Casa Mãe uma Comissão encarregada de fazer a síntese de todos os documentos resultantes de suas Assembleias Provinciais. Tenho certeza de que colocam em suas orações a preparação da Assembleia Geral que segue segundo o calendário fixado.

Rezemos especialmente, neste dia, pelo Padre Gregory, nosso Superior Geral, por todos os Padres e Irmãos da Congregação da Missão e pelos membros da Família Vicentina.

Boa e santa festa de São Vicente! Apresentemos ao Senhor as intenções do nosso Papa Francisco e o Sínodo da Família, que logo se aproxima. Unamos nossas orações pela paz no nosso mundo pleno de tantas injustiças e conflitos e pelos pobres que são as primeiras vítimas.

Com minha dedicada afeição e a certeza de minha oração na intenção de cada uma,

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

Notas:

¹ São Vicente, conferência de 30 de maio de 1659 sobre a Caridade. XII, 262.

² Collet I, 479.

³ A Companhia das Filhas da Caridade nas origens, pág. 783 (XIII, 689).

⁴ Conferências às Filhas da Caridade, pág.784 (X, 509-510)

SESSÃO DE IRMÃS COM MAIS DE 40 ANOS DE VOCAÇÃO

“Deixemo-nos transformar
pelo Espírito”

Sessão internacional

organizada na Casa-Mãe

entre 5 e 19 de maio de 2014

de revigoramento
espiritual e vicentino

das Filhas da Caridade
com mais de 40 anos de vocação

FREI J-F. VERGONJEANNE, OP

Ser feliz
na segunda vertente da vida

“ALGUÉM ESTÁ ESPERANDO POR MIM”

A ESPIRITUALIDADE DO ENVELHECIMENTO

INTRODUÇÃO

O título desta conferência foi inspirado pelo título do livro: *Quelqu'un m'attend, vieillissement et spiritualité (Alguém está esperando por mim envelhecimento e espiritualidade)* de Jacques Sylvestre, um dominicano canadense (editora Médiapaul 2010).

Cada vez mais, encontramos estes tipos de temas ou questões em artigos, conferências ou livros. O ano europeu do envelhecimento em 2010 reforçou esta tendência. Para começar, refletiremos sobre a segunda parte do título.

A SEGUNDA VERTENTE DA VIDA

É uma expressão vaga e flexível que permite cobrir todas as etapas do envelhecimento – aproximadamente desde a entrada na aposentadoria profissional até a última etapa da vida. Vejo aqui - de acordo com a lista de participantes das Províncias - Irmãs que estão entrando nesta segunda vertente da vida e outras que já estão bem avançadas - como eu que já tenho 85 anos de idade.

Esta segunda vertente da vida sugere *uma descida após uma ascensão, um declínio após uma subida*. Um declínio: qual? Das forças físicas? Do dinamismo mental? A partir de qual momento, de qual idade oscila-se para a segunda vertente da vida e como nossa vida consagrada está implicada? Talvez a partir do momento que tomamos consciência dela e que a admitimos para nós mesmos? Ainda que outros já tenham percebido isto antes de nós!

Diversidade das situações

Em razão da grande diversidade de situações durante o percurso desta segunda vertente da vida, como falar de uma espiritualidade do envelhecimento de maneira que cada pessoa se sinta envolvida? Existe um leque de possibilidades que vai desde o ancião ainda em plena forma, muito ativo, até a situação mais extrema da pessoa que sofre de Alzheimer. Entre os dois extremos existem todas as etapas do declínio. Pode-se perceber isto durante os seus encontros em grupos de trabalho, nos momentos dos testemunhos, etc.

Recorrer aos matemáticos

Recorri a um gráfico para superar a dificuldade de expressar estas palavras do grande apóstolo São Paulo:

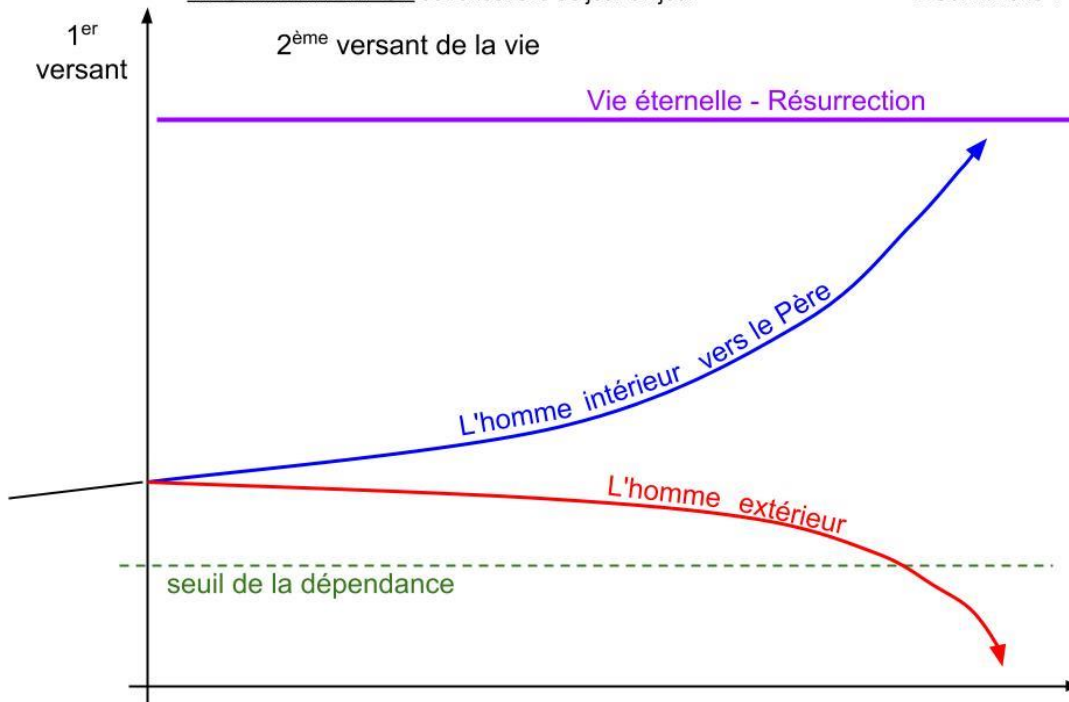
*“Por isto não nos deixemos abater, pelo contrário, embora em nós o **homem exterior** vá caminhando para a sua ruína, o **homem interior** se renova dia a dia. Pois, nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam até o excesso” (2 Co 4, 16-17).*

“Sabemos, com efeito, que se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas” (2 Co 5,1).

“A dupla *homem exterior/ homem interior* designa nossa personalidade em sua totalidade. O *homem exterior* não é o ser material, mas o homem marcado pelo pecado que o deteriora. O *homem interior* ao contrário caminha cada vez mais em direção ao seu futuro em Cristo: ele se renova diariamente” (Maurice Carrez, *Comentário pastoral sobre a 2ª carta aos Coríntios*, 1996, Bayard Editions).

Être heureux sur le second versant de la vie

"Nous ne perdons pas courage, même si en nous L'HOMME EXTERIEUR va vers sa ruine, L'HOMME INTERIEUR se renouvelle de jour en jour" 2 Corinthiens 4¹⁶



Comentário do gráfico

Em um espaço limitado por abscissa e ordenada, um ponto situado sobre a ORDENADA VERTICAL marca o início da segunda vertente da vida. A partir deste ponto, uma LINHA DECRESCENTE representa o percurso de “*homem exterior que vá caminhando para a sua ruína*” ao mesmo tempo, a ruína do velho homem, do homem sob o poder do pecado e a nossa parte que é mortal, o **envelhecimento**, a degradação das forças físicas e psíquicas. Depende de nós, de uma certa maneira, prorrogar a descida: levando uma vida saudável (alimentação, exercício físico) voltada para os outros.

Na sua queda, relativamente rápida de acordo com as pessoas, esta linha termina cortando uma PRIMEIRA LINHA HORIZONTAL PONTILHADA, que traça o começo da perda da autonomia e da dependência.

Depois, vemos a ABSCISSA HORIZONTAL que marca a morte corporal que dissipa com ela o velho homem.

Mas, a partir deste ponto de partida, na linha ordenada vertical, sai uma CURVA ASSIMPTÓTICA. Ela representa o percurso, o voo do “*homem interior que se renova dia a dia*” segundo nossa disponibilidade ao sopro do Espírito de Jesus. É a ascensão dos filhos de Deus - e das filhas de Deus - para o encontro com o Pai que nos ressuscita em Jesus Cristo para a vida eterna.

O desafio de nossa vida de batizados - consagrados é dar o maior elã possível à curva assintótica, ao mesmo tempo que a outra está caindo.

Este gráfico mostra a comparação do nosso percurso com o de Jesus.

“Embora fosse de divina condição, Cristo Jesus não se apegou ciosamente a ser igual em natureza a Deus Pai. Porém esvaziou-se de sua glória e assumiu a condição de um escravo (a kenosis do Cristo), fazendo-se aos homens semelhantes. Reconhecido exteriormente como homem, humilhou-se, obedecendo até à morte, até a morte humilhante numa cruz. Por isso, Deus o exaltou sobremaneira e deu-lhe o nome mais excelso, mais sublime e elevado muito acima de outro nome..” (Fil 2, 6-9 - tradução litúrgica).

Referente à primeira parte do tema: “SER FELIZ”

Não se trata da felicidade eufórica que provém de uma boa saúde e quando os acontecimentos não são tão frustrantes para o nosso desejo. Ser feliz aqui, significa entrar na bem-aventurança dos pobres e misericordiosos, ao mesmo tempo que um dia o envelhecimento e sua parcela de sofrimentos afetam nosso corpo e mente.

Um pequeno testemunho da Irmã Françoise de Niederbronn, que ficou cega, pode ajudar-nos. Ela disse: “Apesar de minha deficiência, posso afirmar que sou feliz, o que não exclui o sofrimento. Pois, o Senhor disse: BASTA-TE A MINHA GRAÇA”.

Infelizmente, só posso citar aqui testemunhos da França. Certamente que vocês conhecem outros, de seus continentes de origem, de seus países.

Além disso, as citações da Carta do Papa João Paulo II às pessoas idosas que data do ano de 1999 vão acompanhar-nos durante as minhas conferências.

1. A CURVA DESCENDENTE DO “HOMEM EXTERIOR”

A mudança do serviço, a perda de posição e o declínio das forças vitais.

A entrada na aposentadoria é uma primeira etapa. Para aquelas que exerciam um trabalho profissional, a entrada na aposentadoria profissional marca uma etapa, algumas vezes difícil de atravessar. O exercício de uma profissão, de um ministério, de um serviço (professora, enfermeira, animadora pastoral entre outros) é uma dimensão importante da identidade.

A imagem que esta profissão, que este serviço nos mostra de nós mesmos é mais ou menos estimada. Em todo caso, estamos propensos - às vezes muito tentados - a nos identificar com nossa função.

O fim do exercício no governo em diferentes níveis, de uma função estimada, também representa uma perda de poder, de posição, ao mesmo tempo que ela pode ser um alívio. É o momento de consentir a renúncia de privilégios.

Após esta entrada na aposentadoria, esta perda de posição, as forças que estavam empregadas em uma atividade profissional ou num ministério importante, tornam-se disponíveis para outras atividades.

Em suas Constituições, podemos ler no artigo 35 a e b: “*Quaisquer que sejam sua idade, sua função, seu serviço, sente-se responsável em contribuir com todos os recursos de sua personalidade e as riquezas de sua cultura à missão comum*”.

“As Irmãs doentes e as Irmãs idosas são parte integrante da missão... A Comunidade cerca-as de cuidados e afeição e ajuda-as a aceitar, na paz e na serenidade, suas limitações de idade e de saúde como uma forma de serviço”.

A medida que a idade avança, o peso do envelhecimento se faz sentir.

O PESO DO ENVELHECIMENTO

João Paulo II disse em sua Carta aos anciãos (Bayard, Centurion, FLEURUS-MAME, CERF 1999):

“Caríssimos anciãos, que vos encontrais em situações precárias por motivos de saúde ou outros, eu vos acompanho com afeto. Quando Deus permite o nosso sofrimento por causa da enfermidade, da solidão ou por outras razões ligadas à idade avançada, dá-nos sempre a graça e a força para que nos unamos com mais amor ao sacrifício do seu Filho e participemos com mais intensidade no seu projeto salvífico. Podemos estar certos: Ele é Pai, um Pai rico de amor e de misericórdia!” (nº13)

Todos nós constatamos e devemos aprender a aceitar:

A diminuição das forças, do dinamismo.

Precisamos de mais tempo para realizar um mesmo trabalho, a lentidão se instala devido o cansaço que rapidamente sentimos. É maior o esforço empregado e podemos ter o sentimento de nos tornarmos preguiçosos.

A diminuição da acuidade visual.

As pequenas letras se tornam ilegíveis, devemos fazer uso de uma lupa. Chegará um momento em que será prudente não pegar mais no volante.

Diminuição da acuidade auditiva.

Uma conferência ou um sermão são compreendidos pela metade. Assim como nas conversa à mesa. O sentido de uma frase nos escapa o que pode causar mal-entendidos. Sentimento de estar cortado da vida comum. Um aparelho auditivo nem sempre permite corrigir estes inconvenientes.

Os lapsos de memória

A palavra que estou pronto a dizer me escapa. Ela vai vir alguns minutos mais tarde ou bem mais tarde.

As misérias do corpo

O declínio progressivo das forças vitais: da visão, da audição, da memória, da mobilidade pode levar a uma grande dependência.

A apreensão com estas pequenas deficiências podem se agravar, a amargura do envelhecimento, o sentimento de inutilidade, de ser um fardo na vida dos outros, podem levar a perda da vontade de viver e terminar em uma depressão.

A EXPERIÊNCIA DA DEPENDÊNCIA

Um testemunho pode ajudar-nos. Escutemos a Irmã Jeanne Marie dominicana de Boscodon que nos descreve em seu livro, sua experiência aos 85 anos:

“No outono de 2010, comecei a me sentir muito cansada e, devido a uma compressão das vertebrae que me dava muitas dores nas costas, um médico finalmente diagnosticou leucemia crônica... Ainda não sei como viver isto. Vivo momentos difíceis de solidão, quando me sinto muito esgotada. Depois, faço a experiência da dependência: perde-se o controle do corpo e, isto exige uma certa humildade, as pessoas nos despem... Não se é mais o dona da própria vida, e em alguns momentos nem mesmo dona de nada ... Atravessei momentos em que não tinha mais forças, estava entorpecida, incapaz de rezar os ofícios. Percebia que a morte se tornava uma perspectiva próxima e de repente comecei a pensar muito nela” (Ir. Jeanne Marie, Os anos em nossas vidas. Entrevista com Arnaud de Coral, Cerf 2012, págs. 92-93). Ela morreu em 2013.

É uma experiência que o Espírito Santo nos leva para onde não gostaríamos de ir:

O próprio Jesus preparou o apóstolo Pedro para isto:

“...Então Pedro ficou triste, porque Jesus perguntou três vezes se ele O amava. Disse a Jesus: ‘Senhor, Tu conheces tudo e sabes que Te amo’. Jesus disse: ‘Cuida das minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, cingias-te e andavas aonde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Jesus disse isto aludindo ao tipo de morte com que Pedro iria glorificar a Deus’...” (Jo 21, 17-19).

Os benefícios do envelhecimento

Não existem apenas inconvenientes no fato de tornar-se ancião, de envelhecer, pelo contrário, existem aspectos positivos.

Não mais viver sob a pressão das coisas para fazer, permite olhar para frente, olhar para o horizonte, tirar os olhos do guidão (eu pratico regularmente passeios de bicicleta). A diminuição progressiva do

dinamismo convida a sair do ativismo e a concentrar-se no centro da atividade da vida consagrada: no seguimento do Cristo, ser muito mais do que fazer.

O Papa João Paulo II disse em sua Carta no nº 05: “*Em certo sentido, é a época privilegiada daquela sabedoria que, em geral, é fruto da experiência, porque ‘o tempo é um grande mestre’.* Além disso, é bem conhecida a oração do Salmista: ‘*Ensinai-nos a contar os nossos dias, para que guiemos o coração na sabedoria*’ (Sal 90 [89], 12)”.

Qual a sua opinião sobre esta reflexão do filósofo ortodoxo Bertrand Vergely: “Quanto mais tempo vivermos, mais oportunidade temos de praticar a extraordinária distância que a velhice proporciona” (revista *La Vie, Bien vieillir*, número especial).

Aliás, falta ainda muita coisa a fazer...muitos serviços a prestar no interior da comunidade. Serviços modestos, mas que facilitam muito o viver junto... As pequenas ou grandes misérias do envelhecimento não seriam elas ocasiões para *morrer para si mesmo* de acordo com a proposta que o Cristo fez aos seus discípulos desejosos de segui-lo: “*Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*” (Mt 16,24).

Um convite forte para morrer a si mesmo como o grão de trigo caído por terra: “*Queremos ver Jesus... Filipe vem a André ... Jesus lhes responde: É chegada a hora em que será glorificado o Filho do homem. Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer produzirá muito frito*” (Jo12,21-24).

O que perdemos em eficácia pode se tornar fecundidade

2. A CURVA ASCENDENTE DO HOMEM INTERIOR

Fecundidade do envelhecimento

O Papa João Paulo II medita em sua carta o profundo sentido do envelhecimento; ele cita no nº 8 o salmo 91, versículo 13-16: “*O justo florescerá como a palmeira, erguer-se-á como os cedros do Líbano, na casa do Senhor estão plantados, nos átrios de meu Deus florescerão. Mesmo no tempo da velhice darão frutos, conservarão a sua seiva e seu frescor, para anunciar quão justo é o Senhor*”

E o Papa continua neste mesmo parágrafo: “*A velhice, portanto, à luz do ensinamento e no léxico próprio da Bíblia, apresenta-se como ‘tempo favorável’ para levar a bom termo a aventura humana, e faz parte do desígnio divino a respeito de cada homem como tempo no qual tudo converge, para que ele possa compreender melhor o sentido da vida e alcançar a ‘sabedoria do coração’.* Ela constitui a etapa definitiva da maturidade humana e é expressão da bênção divina”.

Predileção de Deus pelos meios frágeis

No Antigo Testamento, viver muito tempo, morrer saciado de longos dias, cercado de uma descendência numerosa, são sinais de bênção divina. Mas, não é porque a idade avançada pode ser rica de experiência e sabedoria (*velhice*, Vocabulário da teologia bíblica) que Deus chama os idosos para realizar seu plano de salvação: Abraão e Sara, Zacarias e Isabel, Simeão e Ana. Sem dúvidas, isto acontece porque, sem esperança de ter uma descendência, eles vivem a bem-aventurança dos pobres. Moisés é idoso e imigrante quando Deus lhe fala na sarça-ardente. Ele corre perigo se voltar para o Egito.

Isto é algo constante na Bíblia: Deus privilegia os meios frágeis. Longe de ser um obstáculo, a fraqueza humana pode dar lugar para a misericórdia divina agir. São Paulo fez a experiência disto: “*O Senhor me disse: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder*” (II Cor 12,9).

Será que não poderíamos aplicar esta espiritualidade do envelhecimento individual ao envelhecimento de nossas comunidades e, às vezes, até mesmo o seu desaparecimento?

A FIDELIDADE DO SERVO

Lembremo-nos da perseverança de Nelson Mandela (cf. Filme *Invictus*). Ele passou muitos anos na prisão, sem jamais ceder, apesar das solicitações do governo dos brancos para colaborar com o regime que mantinha o Apartheid. Já idoso, assumiu o cargo de primeiro presidente negro da África do Sul.

Madre Tereza continuou a sorrir mesmo quando viveu durante muitos anos sentindo-se abandonada por Deus.

“Na noite da longa existência, esmagado pelas responsabilidades pastorais e os males físicos, o Papa João Paulo II mantinha sempre o gosto de viver e de testemunhar isto, disse Jaques Sylvestre em seu livro: *Alguém está esperando por mim*.

Citando mais uma vez o próprio João Paulo II, disse: “..Caros irmãos e irmãs anciãos, fazendo votos de que vivais serenamente os anos que o Senhor estabeleceu para cada um, quero manifestar-vos em toda a sua profundidade os sentimentos que me animam neste derradeiro período da minha vida, depois de mais de vinte anos de ministério na sede de Pedro, e já na imediata expectativa do terceiro milênio. Apesar das limitações devidas à idade, conservo o gosto pela vida. Agradeço ao Senhor. É bonito poder gostar-se até ao fim pela causa do Reino de Deus!” (Carta ao Anciãos, nº 17 João Paulo II - 1999).

Ele foi este servo fiel que espera o retorno do seu Mestre até altas horas da noite, com o avental de serviço amarrado na cintura, como o Cristo na noite do lava-pés: “*Permaneça com os rins cingidos e com as lâmpadas acesas. Sede semelhantes a homens que esperam o seu senhor, ao voltar de uma festa, para que, quando vier e bater à porta, logo lhe abram. Bem-aventurados os servos a quem o senhor achar vigiando, quando vier! Em verdade vos digo: ele mesmo se cingirá, os fará sentar à mesa, e, passando, os servirá. E caso ele chegue à meia-noite ou às três da madrugada, felizes serão se assim os encontrar!*” (Lc 12, 35-38).

Damos graças a Deus, por muitos outros servos e servasfiéis que conhecemos. Para eles também, o Mestre colocará, no dia desejado, o avental.

A seu exemplo, muitas Irmãs estão a serviço de nossas Irmãs ou Irmãos idosos ou doentes - talvez também muitas das que estão aqui presentes.

Apresento aqui dois pequenos testemunhos de Irmãs de outras Congregações após ter feito a experiência deste serviço realmente especial:

Primeiro, Ir. Christiane de Ribeaupillé: “*No cuidado com as pessoas idosas, três palavras chaves: curiosidade (interesse dedicado à pessoa), flexibilidade (aceitar ser importunada), coerência (com o essencial, o projeto de amor de Deus por todo homem).*”

O outro é da Irmã Marie-Claude das Pequenas Servas dos Pobres: “*Entrar em união com Deus e com seu Filho para compreender as pessoas idosas e torná-las mais felizes através do Amor que lhe dedicamos*”.

ENVELHECIMENTO RESPONSÁVEL – TRANSMISSÃO E SABEDORIA

Responsável pelas novas gerações

Devido a sua longa experiência de vida (vida humana e vida consagrada) e de uma sabedoria adquirida, as Irmãs idosas têm uma responsabilidade para com as gerações mais novas.

Cito o Papa João Paulo II: “*A comunidade cristã pode receber muito da serena presença dos que têm muitos anos de idade..... Quantos encontram compreensão e conforto em pessoas anciãs...Justamente quando as energias vêm a faltar e se reduz a sua capacidade de movimento, estes nossos irmãos e irmãs tornam-se mais preciosos no desígnio misterioso da Providência*” (nº 13)

TESTEMUNHO DE FÉ:

São Paulo nos diz: “*Quanto a mim, estou a ponto de ser imolado e o instante da minha libertação se aproxima. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé*” (2 Tim 4,6-7).

Durante o encontro com um grupo de aproximadamente vinte dominicanos idosos, quatro Irmãos jovens que vieram ajudar na animação deram aos seus Irmãos mais velhos este testemunho: “*Eles nos deram um testemunho de vida através de suas alegrias e dificuldades, que nos faz dizer que deve ter sentido fazer profissão “até a morte”, mesmo que aos 25 ou 30 anos não se saiba muito bem, o que há por trás destas palavras... Pensando nos desafios que nossa geração enfrenta, podemos ser legitimamente tomados por tentações. Mas, neste caso, nossos Irmãos idosos nos convidam a uma esperança... eles que entraram na Ordem antes do Concílio, viram a vida religiosa mudar de uma maneira radical jamais vista antes, provando que podemos atravessar estas tempestades permanecendo profundamente jovens, isto é, sempre abertos ao sopro do Espírito*” (Prêcheurs, boletim informativo dos Dominicanos da Província da França, setembro de 2012).

Testemunho de alegria

O testemunho de uma fé comprovada, de uma alegria e de uma esperança incessantemente renovada por parte dos Irmãos idosos, brilhará ainda mais quando for dado por homens e mulheres felizes de sua doação ao Cristo e que saberão envelhecer sem se tornarem velhos.

O ator Jean-Louis Trintignant ao receber a Palma de Ouro do filme “*Amour*” d’Haneke citou a seguinte frase de um poema de Jacques Prévert: “*E se tentássemos ser felizes, ainda que seja apenas para dar o exemplo*”.

Pois, de certa forma, escolhemos o nosso envelhecimento: “*Não é a velhice que nos destrói, mas a imagem que dela nos fazemos. Para quem espera pela decadência não há ilusão possível: ela estará presente no encontro. Nada de feliz ou infeliz nos acontece sem que antes para isto tenhamos preparado o ninho*” (Christiane Singer, *Les âges de la vie – As idades da vida*).

Envelhecer sem se tornar velho, estando atento para não ficar prisioneiro do seu passado, por mais gloriosos que tenha sido; para não ruminar ao ponto de não mais ser escutado pelas jovens gerações; para não apressar-se em dar conselhos antes mesmo de ter escutado. Em outras palavras, não saber descartar a postura de professor, quando seria muito melhor assumir uma atitude de aluno que ainda tem muito o que aprender dos outros. Um ditado de Tchekhov (russo) para meditar: “*O sábio gosta de escutar e o tolo gosta de ensinar*”.

VOLTADOS PARA O REINO QUE VEM

O envelhecimento, uma hora de grande sentido

Com todos nós o poeta Saint-John Perse diz: “*Grande idade, eis-nos aqui. Encontro marcado há muito tempo com esta hora de grande sentido*”. Não sei qual foi o sentido dado por este poeta à sua grande idade. O que posso afirmar é que, nesta idade, o sentimento crescente de ter chegado à última etapa da existência leva a avaliar nossos esforços humanos, *sub specie aeternitatis*, isto é, na perspectiva da eternidade e sob a sua luz.

Thomas Stearns Eliot resume sua reflexão sobre sua vida, escrevendo: “*No meu fim está o meu começo*”.

Em uma destas meditações tão profundas de Christian de Chergé, superior do mosteiro de Tibhirine na África do Norte, nos impulsiona a ir mais longe, quando diz: “*Saber que o dia de hoje, com suas aparências inacabadas, tem valor de eternidade*”.

Aqui, eu retomo mais uma vez a Carta de João Paulo II no nº 14: *“Se a vida é uma peregrinação em direção à pátria celestial, a velhice é o tempo no qual se olha mais naturalmente para o limiar da eternidade. E contudo a nós, anciãos, também custa resignar-nos com a perspectiva desta passagem. Esta, de fato, apresenta, na condição humana marcada pelo pecado, uma dimensão tenebrosa que necessariamente nos entristece e amedronta”*.

“Se a velhice é a marca irrefutável da finitude humana, consenti-la abre novamente o campo de possibilidades” Jean Prévost (na revista ‘La Vie’ Bien vieillir)

O testemunho de João Paulo II

“Quem não se lembra, diz Jacques Sylvestre, da imagem do idoso na janela do seu quarto, capaz apenas de pronunciar algumas palavras inaudíveis para a multidão reunida na praça São Pedro, despedidas que termina abruptamente por uma lágrima? A força e a coragem diante da morte testemunhadas por muitos não minimizam em nada o duro combate que tiveram que enfrentar para realizar sua missão até o fim”.

O próprio Papa João Paulo II escreveu: *“Apesar das limitações devidas à idade, conservo o gosto pela vida. Agradeço ao Senhor. É bonito poder gastar-se até ao fim pela causa do Reino de Deus. Ao mesmo tempo, sinto uma grande paz quando penso ao momento em que o Senhor me chamar: da vida à vida... na hora da minha morte, chamai-me e mandai-me ir para vós” (nº17)... “Iube me venire ad te!': este é o anseio mais profundo do coração humano, mesmo em quem não está consciente disto.... O Senhor da vida, fazei-nos tomar plena consciência e saborear como um dom, rico de futuras promessas, cada período da nossa vida. Faizei que acolhamos com amor a Vossa vontade, pondo-nos cada dia nas Vossas mãos misericordiosas”*. (nº 18).

CONCLUSÃO

ALGUÉM ESTÁ ESPERANDO POR NÓS, VAMOS AO SEU ENCONTRO

Em resposta à leitura das vésperas da segunda-feira da 4ª semana (na versão francesa), podemos encontrar a seguinte frase: *“Para além de todo o sofrimento uma alegria sem fim nos espera”*. Esta alegria, é uma pessoa, é Deus, o Amor iluminante e eterno.

Que lugar damos diariamente a este pensamento em nossa vida ?

Aprendi que entre os santos e bem-aventurados da Família Vicentina existe um homem do século 20, Pedro Jorge Frassati, que morreu aos 24 anos, foi beatificado pelo Papa João Paulo II e foi apresentado como modelo aos jovens sob o título de: *“homem das bem-aventuranças”*. Pedro Jorge disse ao motorista do seu Pai: *“Gostaria de ser velho para ir mais rápido ao Paraíso”*. Pois Deus será então *“tudo em todos”* (1 Co 15,28), na vida eterna (cf. CEC 1050).

Para concluir, cito mais uma vez J. Sylvestre, p.11:

“Sustentados por um esforço de interioridade e de despojamento, conhecendo progressivamente todas as provações relacionadas à velhice, poderíamos viver esta grande idade em beleza, graças à perspectiva de um encontro, que nada aqui na terra pôde preencher? Os jovens gostariam de saber por que parecemos tão felizes, revelar as fontes e o segredo desta felicidade duradoura. Será que a vida é tão bela assim, mesmo com sua idade? Alguém está esperando por mim, responder-lhes-ia”.

*“Existem três idades na vida:
a primeira é a infância (de 0 a 20 anos)
a segunda, a adolescência (de 20 a 60anos)
e a terceira, a juventude que começa aos 60 anos”*.

(Gaston Bachelard, filósofo)

“À meia-noite ouviu-se um grito: ‘O noivo está vindo! Ide ao seu encontro’”(Mt 25,6).

Quanto a mim, frei Jacques-François, eu gostaria de oferecer o rosto de um frade dominicano feliz. Feliz por ter respondido ao chamado de Cristo há 63 anos. Minha missão com certeza ainda não terminou. Se abalos importantes de saúde ocorrerem, a tarefa pode se tornar mais difícil.

Frei Jacques-François VERGONJEANNE op.

PADRE P. GRIFFIN, CM

Maria e a maturidade espiritual diante da Cruz

Ao dar-nos o selo e a divisa da Companhia “*a caridade de Jesus Cristo crucificado nos impele*” está claro que Santa Luísa quis nos orientar para o mistério da Redenção. Quando olhamos para Jesus crucificado, vemos também Maria presente ao pé da cruz. Contemplamos o que a Virgem viveu ao pé da Cruz e aquilo que ela quer nos ensinar sobre ser discípulos e sobre o nosso carisma vicentino. Vou destacar a comunhão dos sentimentos e da oração que unem Maria a seu Filho amado no momento de sua morte sobre a cruz. Certamente que nos dias após a sexta-feira santa, Maria “*meditava em seu coração*” esta experiência vivida ao pé da cruz.

Com Maria aos pés da Cruz, meditemos sobre nosso ser de servas dos pobres. Ela que escutou as “Sete Últimas Palavras de Jesus” pode nos ensinar algo.

“PAI, PERDOA-LHES; PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM” (Lc 23, 34)

“Quando chegaram ao chamado “lugar da Caveira”, aí crucificaram Jesus e os criminosos, um à sua direita e outro à sua esquerda. E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 33-34).

Durante sua crucificação, os pensamentos de Jesus ainda são de perdão. Ao longo de sua vida, Jesus aprendeu a conhecer bem o coração do homem, ele conhece a nossa capacidade de amar porque ele amou muito e foi amado. Mas, conhece também a nossa capacidade de odiar e de fazer o mal. Muitas vezes, agimos sem saber o que fazemos ou porque o fazemos. Aqueles que executaram Jesus o fizeram como uma tarefa do seu trabalho, eles não sabiam que Jesus era inocente, aliás, eles nem se preocuparam em saber quem era Jesus. Tudo o que eles queriam era terminar o trabalho. O sofrimento dos crucificados não era assunto que lhes dizia respeito. Esta falta de implicação talvez tenha atraído o perdão de Jesus. Quantas vezes fazemos o mal sem prestar atenção, nem manifestar arrependimento porque isto não faz parte de nossas preocupações. Quantas vezes o inocente - o pobre, o fraco, aquele que não tem poder - sofre situações como estas.

Maria está lá. Ela ouve as palavras que Jesus diz. Alguém pode se perguntar se ela se sente à vontade para poder dizer as mesmas palavras e ter estes mesmos sentimentos: “*Pai, perdoa-lhes porque eles não sabem o que fazem*”. Ela vê a brutalidade e rostos determinados a realizar a tarefa sem nenhuma piedade ou envolvimento humano. Eles conheciam seu trabalho, mas não sabiam o que estavam fazendo com o seu filho. Apenas buscando esta verdade dentro de si mesma Maria pôde começar a compreender o que Jesus está dizendo e elevar sua oração a dele, pedindo ao Pai Celestial que não se aborreça com eles por este ato, pois como muitos membros da raça humana, eles estão agindo sem saber o que estão fazendo. Talvez Maria compreenda mais plenamente a ignorância das pessoas e como precisamos de orientação. Talvez isso motive sua contínua presença amorosa na comunidade humana através da história. Ela conhece os efeitos do pecado - a ignorância que o acompanha - e ela sabe que precisamos de ajuda para saber o que estamos fazendo e parar de nos ferirmos. Esta é uma das razões que a trouxeram à nossa Capela da Rue du Bac, em Paris. Ela nos ofereceu a oportunidade de interceder com ela e buscar as graças que vêm de Deus através dela.

Na Anunciação, Maria tinha pronunciado estas palavras que a caracterizavam muito bem: *“Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua Palavra”* (Lc 1, 38). O abandono à vontade de Deus expressa-se por sua pressa em aceitar todos os acontecimentos como vindos das mãos de Deus. Ela não poderia prever que, mais tarde, esta atitude a conduziria ao pé da cruz. Podemos perguntar-nos como ela pôde dizer a Deus, em que a Cruz fazia parte do seu projeto, a ponto de oferecer o perdão àqueles que lhe causaram tanto sofrimento. Mas, Jesus lhe deu o exemplo. Tendo perdoado àqueles que o faziam sofrer, ela também deveria perdoar-lhes. Quanto ela teve que repensar e meditar estas palavras! Como estas palavras influenciaram seu acompanhamento à Igreja Primitiva e à hoje!

O que nós, Filhas da Caridade, aprendemos com estas palavras de Jesus? No mínimo, podemos encontrar um exemplo muito prático do “amai os vossos inimigos”. Jesus faz isso e Maria une em plena comunhão com seu filho o faz igualmente. Isto nos convida a perdoar aos outros, a rezar por aqueles que nos fazem mal ou rezar por aqueles que amamos e servimos, “nossos senhores e mestres”. Os pobres estão rodeados de opressores e nós somos chamados a rezar para que estes perseguidores tomem consciência de sua maneira de agir e se convertam. Se olharmos para São Paulo que perseguia os cristãos, devemos pensar nos inúmeros cristãos que rezaram por sua conversão.

Uma das lições ensinadas por Maria, foi o seu perdão e seu amor àqueles que fazem mal aos pobres e a nós. Jesus crucificado nos impele a ter esta atitude de serviço para com todos os homens

“HOJE MESMO ESTARÁS COMIGO NO PARAÍSO” (Lc 23, 43)

Um dos malfetores, ali crucificados, blasfemava contra ele: Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós! Mas o outro o repreendeu: ‘Nem sequer temas a Deus, tu que sofres no mesmo suplício? Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas este não fez mal algum’ E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino! Jesus respondeu: ‘Em verdade eu te digo: hoje mesmo estarás comigo no Paraíso’” (Lc 23, 39-43).

Voltemo-nos agora em direção àqueles que foram crucificados com Jesus - seus irmãos de uma maneira particularmente íntima! Quando Jesus entrou em seu Reino, estes criminosos encontraram, sem procurar, um à direita e outro à esquerda de Jesus, aqueles “tronos” que Tiago e João buscaram (Mc 10, 35-37; Mt 20, 20-23). Assim, os dois estrangeiros foram condenados à morte e estão um de cada lado de Jesus. Os responsáveis religiosos e os soldados debochavam de Jesus: *“A outros ele salvou. que salve a si mesmo, se é de fato o Messias de Deus, o Escolhido!”* Um dos criminosos crucificados repetiu a mesma frase: *Não és tu o Messias? Salva a ti mesmo e a nós também!”*. Este infeliz se encontra entre os pobres e por isto, permanece uma pessoa digna de atenção - lembremo-nos de que São Vicente nos dizia que os pobres podiam ser desagradáveis. Este homem condenado à morte nos lembra que podemos ver os pobres sendo também opressores, sem mesmo ter consciência disto.

Maria escutou essa zombaria. Se não era uma supressa ouvir isto da boca dos soldados ou dos condenados, foi muito mais surpreendente ouvir isto da parte dos líderes religiosos. Ao ouvir esta questão sobre a fé: *“Não és tu o Messias?”*, Maria sabia que a resposta era um incondicional “Sim”. O apelo para Jesus se salvar, no entanto, não fazia sentido. Maria sabia que Jesus **não** veio salvar **a si mesmo** (nem alimentar-se de pedras transformadas em pão na tentação no deserto) mas, veio **nos** salvar. No entanto, o criminoso exige mais: *“Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos!”*. Maria sabe que é exatamente o que Jesus está fazendo, mas não sabe como. Ela também é chamada a confiar.

Quando o outro criminoso começa a falar, ele derrete o coração de Maria e também o de Jesus. Ele reconhece o seu erro e repreende o outro criminoso por participar da zombaria. Então, quando fala com Jesus, ele pede a vida eterna com Deus, o que chama imediatamente a atenção de Jesus: *“Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres em teu Reino.”* Este homem reconheceu seu próprio pecado e aceitou sua punição; agora, ele pede o perdão e a misericórdia de Deus. E ele a recebe. As palavras de Jesus estão entre as mais pessoais e belas das Escrituras aos meus ouvidos: *“Em verdade eu lhe digo: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso.”* Posso imaginar Jesus olhando este homem direto nos olhos e fazendo esta promessa sem hesitação nem condições. Posso ver o outro olhando para Jesus e reconhecendo a verdade de suas palavras. Pergunto-me o quanto esta experiência aliviou seu sofrimento e fez de suas últimas horas aquele tipo de purgatório que o justo aceita e valoriza.

Maria é testemunha de tudo isso. O sofrimento provocado pelas palavras do criminoso não arrependido estava agora abrandado pelas palavras do criminoso arrependido. Ela viu o outro homem infeliz se voltar para Jesus em seu momento de maior escuridão para buscar o perdão. Ela sabia qual seria a resposta de Jesus: todo o ministério de Jesus está ilustrado neste único instante, por estas poucas palavras. Será que ela foi reconfortada com esta cena? Talvez, ela tenha dado sentido ao fato de Jesus ter sido crucificado naquele dia? Mesmo sem deixar de sofrer, Maria se alegra com a graça recebida pelo ladrão arrependido e pela beleza de Jesus que esquecendo de si mesmo se abre às necessidades dos outros. Quando Jesus ofereceu-lhe o perdão dos seus pecados, podemos imaginar como Maria uniu seu coração e sua oração ao de Jesus. Pois, mesmo neste terrível momento, alguém tinha sido salvo. Bendito seja Deus! Talvez este tenha sido o sinal de que Maria precisava para erguer seu espírito e saber que o plano de Deus continuava a ser realizado.

O que nós, Filhas da Caridade, aprendemos com estas palavras de Jesus e o acompanhamento de Maria? O primeiro criminoso nos lembra a importância de rezar pelos pobres. O segundo, o criminoso arrependido, nos mostra que devemos responder às necessidades espirituais e corporais dos pobres que servimos, que devemos ajudá-los a se aproximarem de Jesus e a buscarem o perdão e a reconciliação que conduzirão à vida eterna. Deus quer a nossa salvação, mas precisamos também desejá-la. Não hesitemos dizer aos pobres as palavras de Maria em Caná: *“Fazei tudo o que ele vos disser”*.

Vejo também de certa maneira, no criminoso arrependido, o camponês de Gannes que mudou a vida de Vicente. Este homem, ao aceitar e confessar finalmente seu pecado alcança a salvação. Vicente foi tocado e convertido pela experiência. Ele ajudou alguém a fazer as pazes com Deus e a começar sua caminhada para o Reino de Deus. Consequentemente, Vicente encoraja tanto os coirmãos como as Irmãs para aproveitarem a oportunidade de convidar as pessoas para se confessar e para buscar a cura em Deus, isto a partir de uma simples questão, por exemplo:

“Então, meu irmão, como pensa fazer a viagem para o outro mundo? ’ E depois a outro: ‘Não quer, meu filho, unir-se a Deus? Não quer ir ver Nosso Senhor? ’” (SV, conf. de 11 de novembro de 1657, pág. 676, sobre ‘Cuidado dos doentes e da própria saúde’).

O ladrão arrependido aproveita a oportunidade oferecida por Jesus. Ele nos encoraja a esta prática porque o Senhor está sempre ansioso e disposto a perdoar o penitente. Maria conhecia esta verdade e nos encoraja na sua condição sem pecado, a praticá-la.

“MULHER, EIS AÍ TEU FILHO”.. “EIS AÍ TUA MÃE” (Jo 19, 26-27)

“Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: ‘Mulher, eis aí teu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Eis aí tua mãe’. E dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa” (Jo 19, 25-27).

Podemos perguntar-nos se a maior dor de Jesus durante sua crucificação não tenha sido ver sua mãe, de pé, junto dele e sofrer com Ele. Jesus sabia que ao morrer, sua mãe ficaria viúva sem seu único filho: novamente seus pensamentos não estão concentrados em si, mas em sua mãe. Ele a confiou ao discípulo amado, Ele sabe a importância da fé e dos conselhos de Maria aos seus discípulos ao longo dos dias, dos anos e dos séculos futuros. Jesus confia à sua mãe a responsabilidade do discípulo amado e todos os discípulos amados do futuro, isto é, “nós”. Esta é uma das razões pela qual Maria aparece ao longo dos séculos para expressar sua presença maternal e dar as orientações para seguir fielmente seu Filho.

Vendo o olhar de Jesus fixado sobre ela, Maria não fica surpresa que Ele lhe dê atenção considerando o amor existente entre os dois. Ela sempre terá um lugar especial entre os discípulos de Jesus, sabendo oferecer-lhes os conselhos e o apoio que ela oferecera incessantemente a Jesus. Ninguém melhor do que ela conhecia seu Filho. Por isso, quando as perguntas começaram a surgir na Primeira Comunidade cristã, exigindo tomada de decisões, ela estava para orientar, lembrar as palavras e as ações de Jesus. O papel de Maria consistia em dar continuidade à obra de seu Filho. Como na Anunciação, Maria não sabia onde isto a

conduziria, mas tinha confiança que Deus continuaria sua obra através das pessoas que ele chamava a seguir. Foi também a mensagem que ele lhes dirigiu.

Um cristão não pode permanecer sozinho, ele pertence à Igreja. Nós também fazemos parte da Igreja e da Companhia onde buscamos força e apoio. Juntos, as alegrias são multiplicadas e os sofrimentos partilhados. Imaginemos Jesus que nos olha ao pé da cruz, nós e outros membros da Companhia e escutemo-lo dizer-nos: “Mulher, eis aqui tua Irmã”.

Durante sua visita à Capela da Rue du Bac, Maria nos prometeu atenção e apoio. Quantas pessoas vêm “ao pé deste altar” buscar sua proteção e sua intercessão maternal?

As Filhas da Caridade devem ser como o discípulo amado “e acolher Maria em sua casa”. Ela deve fazer parte da vida comunitária local e da nossa devoção: é um modelo para seguir Jesus e estender sua atenção àqueles que dela precisam. A cena ao pé da cruz nos lembra o amor de Jesus crucificado por nós e a maneira como este amor se expressa pela doação da Virgem Maria que nos gera e nos acompanha. Ela nos convida a nos reunir como Irmãs sob sua benevolência maternal e partilhar palavras de Jesus em nossas vidas.

“MEU DEUS, MEU DEUS, PORQUE ME ABANDONASTE?” (MT 27, 46)

“Desde o meio-dia até às três horas da tarde houve escuridão sobre toda a Terra. Pelas três horas da tarde Jesus deu um forte grito: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni?’, isto é: ‘Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?’ A estas palavras, alguns dos que lá estavam diziam: Ele chama por Elias” (Mt 27, 45-47; cf. Mc 15, 33-35)

Escutemos este grito que vem do fundo do coração de Jesus. A escuridão representa os efeitos do pecado, o céu escureceu quando Aquele que é a “Luz do Mundo” retorna ao Pai. O esplendor da manhã de Páscoa será o símbolo do fim deste triste período de luto. A luz que entrou no mundo com o nascimento de Jesus (símbolo da estrela que conduz os Magos, os coros celestiais dos anjos iluminando os pastores) vê sua morte, simbolizada pelo escurecimento do sol.

Jesus conheceu todos os efeitos que o pecado causa em termos de sofrimento até mesmo a morte. Contudo, em sua essência, o pecado é uma separação de Deus. Conhecendo o efeito devastador do pecado, Jesus dá um grito: não tendo jamais pecado. Ele nunca se separou do seu Pai, mas, este pôde tocá-lo na cruz. Este sofrimento de abstinência de Deus é expressado através do salmo 21:

*“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?
E permaneceis longe de minhas súplicas e de meus gemidos?
Meu Deus, clamo de dia e não me respondeis;
imploro de noite e não me atendeis.
Entretanto, vós habitais em vosso santuário,
vós que sois a glória de Israel.
Nossos pais puseram sua confiança em vós,
esperaram em vós e os livrastes.
A vós clamaram e foram salvos;
confiaram em vós e não foram confundidos” (Sl 21, 2-6).*

Este salmo expressa a angústia daquele que sente a separação de Deus mas, continua a voltar-se para Ele com confiança. Pronunciando apenas as primeiras palavras do Salmo, Jesus quer dizer toda a oração. Ainda que tenha conhecido a angústia, continua confiando em seu Pai.

Entre os que estavam reunidos para o espetáculo, alguns pensaram que Jesus chamava pelo profeta Elias. Durante seu ministério público, Jesus foi com muita frequência incompreendido, não é portanto surpresa que isso aconteça no último momento de sua vida. Maria deve ter balançado a cabeça ao ouvir Jesus dizer o Salmo que tinha aprendido em Nazaré e que junto com José tinham recitado juntos. Ela conhecia sua força e o significado. Ainda que Maria também tenha vivenciado um sentimento de abandono, ela mantinha

a confiança na vitória final. Ela poderia unir seu espírito ao de Jesus e rezar este Salmo com ele, como tinham feito antes em Nazaré. Talvez, ela se lembrasse de alguns versículos em particular: *“Fostes vós que me tirastes das entranhas de minha mãe e, seguro, me fizestes repousar em seu seio. Eu vos fui entregue desde o meu nascimento, desde o ventre de minha mãe vós sois o meu Deus”* (Salmo 21, 10-11). Maria não pôde negar os sentimentos de tristeza, de impotência, de solidão, a verdade à levou às lágrimas, mas apesar de todas as aparências, ela manteve sua fé, confiou na grandeza e na vitória de Deus. Podemos imaginar talvez que além da mensagem de confiança feita ao seu Pai, Jesus quis dizer este salmo para encorajar sua Mãe?

A capacidade de Maria de se reencontrar neste salmo, na experiência com Jesus e nele achar um sentido para a sua vida também é uma lição para nós. Às vezes, as situações são realmente difíceis sem esperança; às vezes, parece-nos que Deus não está mais agindo no mundo, nem pelos pobres, isto porque pensamos conhecer a maneira de agir de Deus.

As Filhas da Caridade não devem jamais esquecer que a cruz está no centro de nossa fé. Se não discernirmos sua presença em nossa vida ou na dos pobres, estamos cegos. Com Maria, aprendemos as lições que o Senhor crucificado nos oferece nestas últimas horas: a coragem e a perseverança no serviço. Como Maria, como Jesus, somos convidados a ter confiança em Deus, pois, como diz o salmista, não ficaremos decepcionados.

“TENHO SEDE” (Jo 19, 28)

“Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir plenamente a Escritura, disse: Tenho sede. Havia ali um vaso cheio de vinagre. Os soldados encheram de vinagre uma esponja e, fixando-a numa vara de hissopo, chegaram-lhe à boca” (Jo 19, 28-29).

A exaustão e o esforço físico levaram Jesus ao limite de sua resistência humana. Ele sentiu as necessidades de seu corpo e as consequências da perda de tanto sangue. A sede sentida no deserto no começo de seu ministério público é sentida agora no final de sua vida pública. Quão frequentemente ele tinha sentado à mesa com seus discípulos e conhecidos e partilhado a refeição. Ele conhecia bem as necessidades do corpo humano. Depois de ter pregado para uma multidão, “ao ver que eles tinham fome”, alimentou-os com pães e peixes. Para manifestar aos seus discípulos sua presença de Ressuscitado, preparou-lhes uma refeição e prometeu-lhes continuar presente sob a forma de pão e vinho - alimento simples no qual eles se lembrariam dele. Quando falou sobre as obras de misericórdia, disse aos seus discípulos: *“Todo aquele que der ainda que seja somente um copo de água fresca a um destes pequeninos, porque é meu discípulo, em verdade eu vos digo: não perderá sua recompensa”* (Mt 10, 42; cf. Mt 25, 35). Podemos perguntar-nos se a pessoa que deu a Jesus o gole de vinagre, se ele sabia a boa ação que estava realizando.

Quando Maria ouviu seu Filho falando de sua sede, ela deve ter-se inflamado de desejo de trazer-lhe algo para beber, como tantas vezes tinha feito em Nazaré. Um simples ato de bondade humana é dar a alguém um copo de água. No entanto, Jesus tinha falado sobre isso como um tipo de ato que marcaria a diferença entre a vida eterna e a eterna separação de Deus (Mt 25, 35). Maria sabia bem quão importante são os pequenos gestos de bondade. Sua vida estava plena destes pequenos atos diários de amor que tornaram a vida mais fácil para Jesus e para outras pessoas. Ela sabia que a declaração de sede de Jesus oferecia a alguém uma oportunidade de realizar um ato marcado pela compaixão.

Lembrem-se da história de Jesus no poço na Samaria (Jo 4, 1-42) e da oportunidade que ele ofereceu à mulher que veio tirar água. Seu pedido para beber ofereceu à Samaritana uma oportunidade para reexaminar sua vida. Quando Jesus disse a Zaqueu *“... preciso ficar em tua casa”* (Lc 19, 1-10), oferece a Zaqueu uma oportunidade para deixar-se transformar; lembrem-se de Jesus jantando com Mateus que aceita o desafio de seguir Jesus. O fato de comer e beber com alguém simboliza e realiza uma mudança. A declaração de Jesus de sua sede na cruz era um convite para alguém agir e converter-se através de um gesto de bondade.

As Filhas da Caridade são chamadas a ouvir o grito dos pobres, suas sedes e suas necessidades. São convidadas a ouvi-los e a dar-lhes respostas. O vinagre que é oferecido a Jesus pode lembrar-nos que nossas soluções não têm que ser perfeitas, porém nos é pedido para escutar e fazer o nosso possível. Assim como Maria desejou aliviar a necessidade de seu Filho na cruz, devemos almejar encontrar maneiras de oferecer

alívio aos pobres. Um gole de água fresca dado com amor poder ser um grande sinal de nossa atenção às necessidades de outra pessoa e do nosso esforço em responder. O simples pedido de Jesus crucificado nos lembra esta verdade enquanto ficamos de pé, com Maria.

“TUDO ESTÁ CONSUMADO” (JO 19, 30)

“Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: Tudo está consumado. Inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19, 30).

A cruz é o maior símbolo da total entrega de Jesus e, ela deve ser também para o cristão. Jesus entregou-se inteiramente para fazer a vontade do Pai - cada palavra, cada ação, cada pensamento foi visando fazer o que lhe foi pedido no plano de Deus. No Evangelho de João, as últimas palavras de Jesus são *“Tudo está consumado”*; ele tinha realizado tudo que veio fazer e, agora estava retornando para o Pai. A *“entrega do seu espírito”* sugere tanto a sua morte quanto o momento de Pentecostes.

Quando Maria ouviu estas palavras devem ter-lhe parecido confusas. Ela era a mãe de Jesus e o tinha conhecido intimamente desde o primeiro momento da concepção. Agora, ela estava lá para este último momento de vida. Desde a sua primeira respiração até a última, Maria esteve presente e ao seu lado. Talvez ela tenha pensado que ele queria falar sobre o fim de sua vida? Talvez ela tenha compreendido que ele queria falar sobre o fim de sua missão? Mas como poderia ser isso? Era aqui que tudo deveria terminar? Era este o propósito de sua vida de seu ministério? Maria meditava isto em seu coração.

Jesus foi fiel à missão dada pelo Pai até o fim. Maria foi fiel até o fim também. É isto que nós simbolizamos no dogma da Assunção: Maria foi assunta ao céu em corpo e alma porque ela sempre foi verdadeira diante do chamado de Deus e nunca conheceu o pecado em sua vida. Quanto *“tudo estava consumado”* para ela, ela simplesmente deixou o nosso mundo para o Reino dos céus sem a necessidade de morrer ou de julgamento.

As Filhas da Caridade são também chamadas a serem fiéis até o fim. Não importa quão difícil isto seja, não paramos ao longo da jornada, não capitulamos diante dos problemas. Continuamos a agir e a servir com o melhor de nossas habilidades sem nos preocupar com os resultados que colocamos nas mãos de Deus. Quando chegarmos ao final de nossa jornada, aceitaremos este chamado com fé e tranquilidade.

“PAI, EM TUAS MÃOS, ENTREGO O MEU ESPÍRITO” (LC 23, 46)

“Já era mais ou menos meio-dia, e uma escuridão cobriu toda a região até às três horas da tarde, pois o sol deixou de brilhar. A cortina do santuário rasgou-se ao meio. Então Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em tuas mãos, entrego o meu espírito’. Dizendo isto, expirou. Vendo o centurião o que acontecia, deu glória a Deus e disse: Na verdade, este homem era um justo” (Lc 23, 44-47).

Novamente, Jesus fala do seu espírito, agora, entregue à proteção e posse de seu Pai. Aquele espírito, aquele sopro que foram infundidos no primeiro ser humano no Jardim do Éden e depois em cada ser humano é, agora, devolvido a Deus (Eclo 12, 7). Estas *“últimas palavras”* de Jesus são do Salmo 30:

*“Junto de vós, Senhor, me refugio.
Não seja eu confundido para sempre; por vossa justiça, livrai-me!
Inclinai para mim vossos ouvidos, apressai-vos em me libertar.
Sede para mim uma rocha de refúgio, uma fortaleza bem armada para me salvar.
Pois, só vós sois minha rocha e fortaleza: haveis de me guiar e dirigir,
por amor de vosso nome
Vós me livrareis das ciladas que me armaram,
porque sois minha defesa.
Em vossas mãos entrego meu espírito;
livrai-me, ó Senhor, Deus fiel.
Detestais os que adoram ídolos vãos.
Eu, porém, confio no Senhor” (Sl 30, 2-7)*

Novamente, vem aos lábios de Jesus um salmo de confiança. O salmista experimenta o sofrimento e rejeição de todos os lados e se abandona nas mãos de Deus. A partir disto podemos compreender porque as palavras do salmo vieram à mente de Jesus.

Escutando essas palavras dos lábios de Jesus, Maria também se lembrou do Salmo 30. Coberta pela sombra do Espírito, ela tinha trazido Jesus ao mundo; era justo que ela estivesse presente no momento em que Jesus remetia seu espírito para Deus. Refletindo sobre as palavras cheias de confiança do Salmo, talvez tenha se lembrado de sua estrofe final:

*“Amai a Javé, todos os seus fiéis! Javé preserva os que são leais,
mas retribui com juros a quem age com soberba.
Sede firmes, fortalecei o coração, todos vós que esperais em Javé!” (Sl 30,24-25)*

Seu próprio Magnificat não continha um eco desta estrofe com sua confiança em Deus que derruba os orgulhosos e eleva os humildes, mas sempre aponta para frente com esperança? O último versículo, *“Sede firmes, fortalecei o coração, todos vós que esperais em Javé!”* (Sl 30, 25), não teria sido particularmente encorajador para ela?

As palavras de Jesus convidam Maria a rezar os Salmos. Ela sabia como ambos gostavam de rezá-los e compreendia como eles refletiam a amplitude da experiência humana e o sofrimento do fiel.

Filhas da Caridade unidas a Maria, nós podemos ouvir estas últimas palavras de Jesus e a maneira como nos convidam a estarmos atentas ao Espírito no último sopro da vida. O título do *Documento Interassembleias* nos convida a isto: *“Deixemo-nos transformar pelo Espírito”*. Como Jesus e Maria, precisamos permanecer firmes nesta orientação até o fim.

Talvez necessitemos aprender a rezar este Salmo 30 para nos tornar ainda mais mulheres cheias de confiança que se colocam e inteiramente nas mãos de Deus. Da cruz, Jesus crucificado oferece um encorajamento particularmente a esta prática.

CONCLUSÃO

Ao ficarmos de pé junto à cruz com Maria, podemos dela receber muitas instruções sobre a vida cristã e vicentina. Ela observa e escuta Jesus e nos convida a fazer o mesmo. Maria nos ensina:

- 1) O compromisso de nos tornarmos próximas dos que sofrem e aprender o que eles têm para ensinar;
- 2) O desejo de rezar os Salmos e ouvir a orientação que eles nos oferecem; as expressões dos salmos continuam a soar verdadeiras na comunidade humana e na Companhia;
- 3) A decisão de sermos fiéis até o fim, apesar dos obstáculos ou problemas que possam aparecer em nossa vida ou na vida dos pobres e, discernir a vontade de Deus.
- 4) A disposição para perdoar; é a experiência de Maria aos pés da cruz. Oferecer o perdão a alguém e ajudá-lo a buscar e oferecê-lo a outra pessoa é uma bênção especial e que está próximo do fundamento do nosso carisma e missão;
- 5) O apoio mútuo: Maria acompanhou a primeira Comunidade cristã, lugar de apoio mútuo; nossa força vem da Igreja e da nossa Comunidade. Aceitar Maria “como nossa única Mãe” nos ensina a acolher nossas companheiras como Irmãs, escutando Jesus nos dizer: “Eis aí tua Irmã”;
- 6) A confiança na ação do Espírito, presente em nós, que nos conduz ao Pai.

Que outras lições podemos aprender desta experiência de Maria ao pé da Cruz? Poderíamos enumerar muitas outras a partir de nossa própria reflexão e devoção. Nossa divisa nos convida a sermos movidas pelo amor de Jesus crucificado. Maria nos ajuda de uma maneira especial, graças ao seu papel privilegiado ao lado de Jesus na cruz. Sua visita à nossa Capela nos impulsiona e nos dá

uma premência suplementares para rezar por todas as intenções da Companhia: “*Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!*”.

Em sua Encíclica *Lumen Fidei*, o Papa Francisco chama nossa atenção para a fé de Maria e como ela atinge sua maturidade ao pé da Cruz:

“Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.

Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecemos a voz de Deus e a sua chamada.

Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.

Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor, para podermos tocá-Lo com a fé.

Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer.

Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.

Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.

Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaço que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor” (LF, 60)

Padre Patrick GRIFFIN, cm
texto lido pelo Padre B. SCHOEPPER
Diretor geral

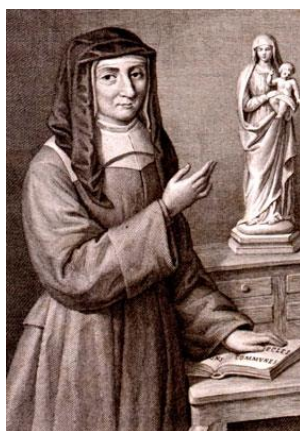
Santa Luísa e a Virgem Maria

Santa Luísa é animada por um grande amor à Virgem Maria: “*Sou vossa, Santíssima Virgem, para ser mais perfeitamente de Deus*”.

Apesar das controvérsias que existiam na Igreja, Luísa estava convencida da Conceição Imaculada da Mãe de Deus e desejou que este título fosse reconhecido e celebrado, pois a Santíssima Virgem “*é a única criatura isenta de imperfeições que sempre foi agradável a Deus*”.

Em 1644, Santa Luísa consagra a Companhia das Filhas da Caridade à Santíssima Virgem por ocasião de uma peregrinação à Chartres.

As últimas palavras de seu testamento espiritual expressam sua devoção marial: “*Tende grande cuidado do serviço dos pobres e, sobretudo, vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor. Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe*”.



PADRE CORPUS DELGADO, CM

Luísa de Marillac

Mulher, discípula, colaboradora, formadora, fundadora e mãe

Introdução

São Vicente de Paulo, reunido com as Filhas da Caridade em julho de 1660 para falar das virtudes da Senhora Le Gras, afirmou com convicção: “*Vós sois obrigadas a seguir seus exemplos; se desejais ser boas Filhas da Caridade, vós estais obrigadas a olhar suas virtudes...*”¹.

“*Ser boas Filhas da Caridade*” foi a decisão que vocês tomaram há cerca de quarenta anos e, foi este objetivo que as colocou a caminho, deixando suas comunidades e serviços para vir a este encontro na Casa-Mãe. Porque, como lembram suas Constituições: “*A Companhia dá grande importância à formação inicial assim como à formação contínua a fim de fortificar as motivações e o dinamismo da vocação, de oferecer um serviço de qualidade aos pobres, de conhecer e discernir os sinais dos tempos*” (C. 49).

Falando sobre Santa Luísa, São Vicente dizia: “*Estais obrigadas a olhar suas virtudes...*”. Devido a isto, proponho-lhes hoje determos nosso olhar em alguns acontecimentos essenciais da vida de Santa Luísa de Marillac, descobrindo-a como mulher, discípula, colaboradora, formadora, fundadora e mãe. Na segunda apresentação, escutaremos de seus próprios lábios, a bênção sobre a Companhia e a última vontade confiada às Irmãs.

LUÍSA DE MARILLAC: A MULHER

Em sua biografia sobre Santa Luísa, Monsenhor Calvet escreveu: “*Luísa era bonita, como todos os Marillac. O retrato que dela temos, reproduz uma pintura feita de memória, depois da sua morte (...) estando, portanto, bastante longe do modelo; mas a tradição diz que é fiel. Evoca um rosto regular, com linhas dum oval muito puro. O véu, que lhe cobre a cabeça e uma parte do rosto, põe nas suas feições uma sombra, que o artista respeitou ou introduziu arbitrariamente, maculando-as com banalidades, quando talvez fossem originais e expressivas. A boca é pequena, os lábios finos, o queixo bem marcado e voluntarioso. Os olhos, baixos como convêm a uma freira, têm, no entanto, um fogo contido. Tantas vezes ela falou dos olhos às suas filhas (...) que se deve pensar que ela teria belos olhos claros, luminosos, espelho de uma alma ardente. Digamos, pois, que ela era bonita*”².

1 - LUÍSA É UMA MARILLAC.

Luísa de Marillac nasceu em Paris, em 12 de agosto de 1591. Luís de Marillac a chamará de “*minha filha natural*”, referindo-se a ela como seu “*maior consolo neste mundo*” e afirma que “*Deus lha tinha dado para que fosse o descanso de seu espírito em meio às aflições da vida*”.

Luís de Marillac é o menos influente de seus irmãos e o que morreu de forma natural e cedo, em 1604. Outro Luis de Marillac (não era raro encontrar nomes idênticos entre os membros da mesma família), chegou a ser Marechal da França; Miguel de Marillac, Ministro das Finanças e Guarda-Selos do Reino; Valentina, casada com Octavien d’Attichy, chefe da Casa da rainha Maria de Médicis, chefe de seu Conselho e Superintendente de suas finanças. Envolvidos intensamente nas questões políticas, o Marechal foi executado na praça da Grève, em 10 de maio de 1632, enquanto Miguel morreu, poucos meses depois, na prisão de Châteaudun. Quinze anos antes, havia morrido por doença, Valentina e seu esposo, deixando sete órfãos.

Refletindo sobre o sentido de sua vida, Luísa de Marillac escreverá: “*Deus me tem concedido tantas graças, como a de me fazer conhecer que sua santa vontade era que eu fosse a Ele pela cruz, que sua*

*bondade quis que eu tivesse desde meu nascimento e não me havendo quase nunca deixado em qualquer idade (de minha vida), sem ocasiões de sofrimento”*³.

2- EM POISSY, COM AS RELIGIOSAS.

O primeiro biógrafo de Santa Luísa afirma que seu pai: *“a colocou em uma pensão no mosteiro das religiosas de Poissy, onde tinha algumas parentes, para dar-lhe os princípios da piedade cristã...”*⁴.

Provavelmente, Luísa foi levada ao mosteiro real das Dominicanas de Poissy poucos meses depois de ter nascido e ali permaneceu até a idade de 13 ou 14 anos. Não era raro nesta época que as famílias nobres escolhessem algum convento como lugar de formação para suas filhas, sobretudo, se estavam destinadas à vida religiosa. Em Poissy, Luísa vai adquirir uma **formação humanística e cristã** verdadeiramente sólida.

3 -“NA CASA DE UMA SENHORITA DEVOTA”.

Em 1604, coincidindo com a morte de seu pai, Luísa deixou Poissy e passou a morar na casa de **“uma senhorita devota”**. Nesta pensão deve ter vivido até os 21 anos, um pouco antes de contrair matrimônio. Durante estes anos (1604-1613), Luísa continua sua formação humanística e artística: nesta época ela pintou **aquarelas** nas quais expressa toda a sua piedade, cujos temas são:

- Jesus: É o nome daquele que eu amo.
- O Bom Pastor.
- A Sagrada Família.

Sua formação humanística se completa com a **formação prática para o governo de uma casa**. O próprio São Vicente elogiará, muitos anos mais tarde, **“o bom governo da Senhora”**: *“Até agora, a Senhora administrou bem todos os negócios, graças a Deus; tão bem que não conheço nenhuma casa de Irmãs, em Paris, que esteja em tão bom estado como a vossa...Não, vo-lo repito, não conheço nenhuma outra em Paris; e isso, depois de Deus, o deveis ao bom governo da Senhora”*⁵.

Durante estes anos, Luísa cultiva, sobretudo, **sua formação cristã**. Aos dezessete anos se introduz na vida espiritual. Já que dispunha de tempo, dedicava-se à leitura do “Guia dos Pecadores”, do Frei Luis de Granada; da “Imitação de Cristo”; da “Introdução à Vida Devota”, de Francisco de Sales; do “Breve Discurso” de Bérulle. Gostava de escutar os pregadores jesuítas e capuchinhos. Dedicava uma hora diária à meditação para a qual tem facilidade. Segundo o testemunho de Ir. Mathurine Guérin, ela praticava *“oração mental desde quinze ou dezesseis anos”*⁶. Não há porque estranhar que surgisse nela o desejo de tornar-se religiosa.

4 - O CASAMENTO COM ANTÔNIO LE GRAS.

“Deus tem outros desígnios para vós”, foi a resposta que Luísa recebe ao manifestar seu desejo de fazer-se religiosa⁷. A família decide o casamento de Luísa com Antônio Le Gras, secretário de Maria de Médicis (já mencionei o envolvimento dos Marillac na vida pública da França).

O matrimônio celebrado em 6 de fevereiro de 1613⁸ e o nascimento de seu filho Miguel Antônio permitem à Luísa de Marillac desenvolver suas habilidades para administrar a casa, organizar o serviço, cuidar dos bens e dar atenção ao filho em seu crescimento.

Suas relações sociais manifestam **as qualidades humanas** da tolerância, do respeito, da benevolência, da condescendência e até da simples elegância. A família Le Gras é composta de **cristãos fervorosos**: têm autorização para ler a Bíblia em língua vulgar (francês) e são atentos às necessidades dos pobres. Luísa pertence a várias Confrarias de piedade.

5- A PERDA DO ESPOSO.

A morte de Octavien d’Attichy, em 1614, e da sua esposa Valência, três anos depois, deixando sete filhos órfãos, mudou o ritmo da família Le Gras, já que se encarregaram dos pequenos e da administração de

seus bens. Luísa lembrará em uma carta a São Vicente, trinta anos depois: “... meu falecido marido consumira todo o seu tempo e sua vida em cuidar dos negócios de sua casa (d’Attichy) negligenciando completamente os seus próprios...”⁹.

As circunstâncias políticas, que confinaram ao exílio a rainha regente Maria de Médicis, repercutem em Antônio Le Gras, seu secretário, que fica sem trabalho.

A doença de Antônio, que se prolongou durante mais de quatro anos e, sua morte no Natal de 1625, nos permitem descobrir a total dedicação de Luísa de Marillac ao seu esposo doente e a aceitação de sua perda. Ela escreve ao seu primo, nos últimos dias de dezembro de 1625:

“...acredito que Deus o tenha querido fazer participante da imitação das penas de sua morte, porque sofreu em todo o corpo e perdeu todo o sangue. Seu espírito esteve quase sempre ocupado na meditação de sua paixão. Por sete vezes vomitou sangue em abundância e, na sétima hemoptise morreu logo. Eu estava sozinha com ele para assisti-lo nesta passagem tão importante. Deu testemunho de muito grande devoção, mostrando até ao último suspiro que seu espírito estava unido a Deus. Não pôde dizer-me outra coisa senão: “Pedi a Deus por mim, já não o posso mais.” Palavras que estarão gravadas para sempre em meu coração. Rogo-vos que vos lembreis dele quando rezardes Completas: tinha para com elas devoção especial e tão grande que, quase nunca deixou de rezá-las”¹⁰.

Em dezembro de 1645, Luísa se referirá ao seu esposo em seu testamento com palavras que expressam seu sentimento:

“Rogo-lhe, meu filho, que se lembre, frequentemente, de pedir a Deus pelo descanso da alma de seu pai. Recorde-se de sua vida, pois, era temente a Deus e irrepreensível, e, sobretudo, de sua paciência em sofrer os grandes males que lhe sobrevieram em seus últimos anos, nos quais praticou grandes virtudes”¹¹.

6 - A PREOCUPAÇÃO COM O FILHO.

Se nos detivermos nas expressões de São Vicente de Paulo em sua correspondência, vemos que Luísa de Marillac viveu intensamente o caminho percorrido por seu filho, causa de muitas preocupações. Permitam-me recordar três cartas:

A primeira é de 1639. Vicente de Paulo escreve a Luísa de Marillac: “Jamais vi uma mãe tão mãe quanto vós. Em outra coisa, quase não sois mulher assim. Em nome de Deus, Senhora, deixai vosso filho aos cuidados do Pai (celeste), que o ama bem mais do que vós, ou pelo menos, libertai-vos da excessiva solícitude por ele”¹².

O segundo texto foi escrito por São Vicente, em 1646, depois do regresso do filho à Paris, que tinha fugido com uma jovem. “O senhor vosso filho está adoentado e de cama, em casa de seu médico. Ofereci-lhe nossa casa e tudo que depende de nós, para melhor alívio seu, ou então duas Irmãs para tratarem dele, caso queira permanecer onde está. Preferiu a ajuda das Irmãs que já estão com ele, há alguns dias”¹³.

A terceira carta é de agosto de 1649: “Em nome de Deus, Senhora, não se preocupe com Miguel Antônio. Não vês o cuidado extraordinário que Nosso Senhor tem tido com ele, quase sem vós? Deixe sua Divina Majestade trabalhar; Ele mostrará à mãe, que cuida de tantas crianças, a satisfação que isto lhe proporciona tomando cuidado de seu filho, cuidado que ela não poderá superar nunca em bondade”¹⁴.

Luísa de Marillac conseguiu integrar o amor ao seu filho no projeto de Deus e pôde escrever convencida:

“Não devo olhar meu filho senão como filho de Deus e só amá-lo como tal e, por amor de Deus, sofrer a privação de vê-lo sempre”¹⁵.

O matrimônio de Miguel com Gabriela Le Clerc de Chennevières, em 18 de janeiro de 1650 e o nascimento da pequena Luísa Renata, a quem as Irmãs chamavam “a irmãzinha”, deram a Luísa de Marillac, nos últimos anos de sua vida, as alegrias de uma avó cativante.

7- A AMIZADE COM O PE. VICENTE.

A troca de correspondência entre Vicente de Paulo e Luísa de Marillac reúne abundantes expressões da amizade que viveram em Deus; pode-se observar o interesse mútuo e, particularmente, a responsabilidade comum na formação das Irmãs e no serviço dos pobres.

Da pena do Pe. Vicente saíram estas linhas *“meu coração não é o meu coração, mas o vosso, no de Nosso Senhor, que desejo seja o único objeto de nosso amor”*¹⁶ ... *“Nosso Senhor esteja em vosso coração e nosso coração no dele, a fim de que sejam três em um e um em três e que não queiramos senão o que ele quer”*¹⁷.

A linguagem amigável aparece também nas cartas que Luísa de Marillac escreve ao Pe. Vicente:

*“Permita-me, meu Honoratíssimo Pai, fazer-vos uma humilde súplica; vós me atendereis, eu o espero. É que, pelo menos durante o vosso retiro, tomeis chá, pois tenho certeza de que podereis fazê-lo, sem nenhum inconveniente. Faz pouco tempo, conseguimos aqui um de muito boa qualidade e de excelente preço. Se não quiserdes fazer esta pequena experiência por vossa saúde, queixar-me-ei ao nosso bom Deus. Podeis toma-lo à tarde, a partir das quatro horas; creio que vos sentireis muito bem”*¹⁸.

De acordo com Santa Luísa, o Pe. Vicente disse: *“Impus-me a lei de não ir estar convosco, sem ser solicitado para o que for necessário e útil”*¹⁹, e dava graças a Deus quando queria privá-lo *“da consolação de estar aí convosco!”*²⁰. Luísa de Marillac, por sua vez, aceitou que o Pe. Vicente não fosse visitá-la em sua última doença e acolheu serenamente o missionário portador de sua mensagem: *“Vá na frente, espero vê-la, em breve, no céu”*²¹.

8 - A CONDESCENDÊNCIA ABNEGADA COM AS IRMÃS.

Quando o Pe. Vicente perguntou às primeiras Irmãs o que tinham observado na vida da Senhora Le Gras, o testemunho unânime coincide com o desejo do quadro da condescendência abnegada de Luísa de Marillac para com elas:

“Meu Pai, a Senhora Le Gras dedicava tanta estima a uma como a outra, procurava só dar satisfação a todas” (Conf de 3 de julho de 1660, pág. 910).

“Sempre verifiquei que tinha uma grande caridade e suporte conosco e tanto que se gastou” (Conf. de 3 de julho de 1660, pág. 913).

“Meu Pai, (ela) teve tanta caridade comigo que, em qualquer tribulação de espírito, sempre me confortou com grande doçura” (Conf. de 3 de julho de 1660, pág. 913).

“Tinha um grande amor e caridade para com as Irmãs, suportava-as e desculpava-as sempre..” (Conf. de 3 de julho de 1660, pág. 914).

“Tinha muita caridade para com as Irmãs receando causar-lhes pena” (Conf. de 24 de julho de 1660, pág. 918).

“Dizia sempre que estimava todas as Irmãs e queria que todas fossem perfeitas como nosso modelo Jesus Cristo” (Conf. de 24 de julho de 1660, pág. 919).

9 - A DELICADA ATENÇÃO ÀS PESSOAS.

A relação de Luísa de Marillac com as Irmãs nos permite perceber o quanto ela era delicada e atenciosa com cada pessoa. Com frequência, encontramos em sua correspondência expressões desta delicada atenção:

“Rogo-vos recebais as saudações muito afetuosas de todas as nossas Irmãs (...). Peço-vos apresenteis respeitosos cumprimentos ao senhor Cura de São Firmino e ao Senhor Pesset”²².

“...Recomendo-me a todas as queridas Irmãs e lhes asseguro nossa sincera afeição e que todas as Irmãs daqui se lembrem delas, com frequência. A mãe e a irmã de Irmã Luísa estão (bem) de saúde. Porém a avó e a mãe de Irmã Francisca faleceram no espaço de seis semanas ou dois meses, uma da outra. Seu pai também esteve malíssimamente, agora está muito bem, graças a Deus. Suas duas Irmãs que estão na Companhia passam bem e suportaram este sofrimento mui virtuosa e cristãmente. Peço-lhe, de todo o coração, que faça o mesmo e se entregue a Deus para cumprir sua santa vontade e a disposição de sua Providência. Que coisa melhor poderia ela desejar para os seus do que vê-los morrer como bons cristãos, realizando os atos correspondentes a uma morte assim, como o fizeram suas boas mães? É incrível a virtude e a submissão que seu bom pai deu mostras nesta circunstância! Peço-vos a ajudeis a suportar bem esta cruz”²³.

Por seu estilo habitual, Luísa de Marillac pode recomendar às Irmãs esta mesma atenção delicada às pessoas:

“No que se refere à sua conduta junto dos doentes, por Deus! Que não seja negligente, mas cheia de afeto; devem conversar com eles e servi-los com o coração. Informem-se particularmente de suas necessidades, falando-lhes com doçura e compaixão, proporcionando-lhes sem importunação, nem pressa a ajuda requerida por suas precisões e, sobretudo, tendo grande zelo por sua salvação...”²⁴.

10 - A INCANSÁVEL FORTALEZA.

“Não se pode compreender humanamente como esta serva de Deus pôde realizar tantos serviços de caridade; fazer e, mais ainda, ir em busca de tantas obras de caridade” (Gobillon livro 3, C. 5 p. 114 ou 132).

Estas palavras escritas pelo primeiro biógrafo de Santa Luísa de Marillac descrevem a incansável fortaleza de uma vida dedicada a dar uma resposta de amor aos **apelos** dos pobres. Desde o começo mesmo de sua missão a serviço das Caridades cujas visitas de animação, ela iniciou em maio de 1629, o Pe. Vicente reconhece: *“Sois uma mulher corajosa por ter adaptado o regulamento da Caridade. Julgo que ele está muito bom”²⁵.* E também: *“Meu Deus, como sois uma mulher valente, por ter feito tudo que me comunicais. Eia, pois, não há necessidade de continuar em tão belo caminho”²⁶.*

Ainda que tenha dito em 1647 que a “considerava como morta fisicamente há dez anos”²⁷, é o mesmo Pe. Vicente que confia a Luísa as responsabilidades que somente a sua incansável fortaleza pode desenvolver: *“Eia, pois, vedes que vai se alargando o arco de vossos trabalhos. Fortalecei-vos o quanto vos for possível”²⁸.*

As cartas redigidas de seu punho em janeiro de 1660, isto é, apenas umas semanas antes de sua morte, chegaram até nós e indicam a incansável fortaleza de Luísa de Marillac.

LUÍSA DE MARILLAC: A DISCÍPULA

1- “NO DIA DE MEU SANTO BATISMO FUI CONSAGRADA E DEDICADA A MEU DEUS PARA SER SUA FILHA”

No escrito conhecido como “Ato de Protesto”, Luísa de Marillac considera o significado de seu **batismo**: *“no dia de meu santo batismo fui consagrada e dedicada a meu Deus para ser sua filha”.* E, a partir do reconhecimento da nova vida de comunhão com Deus e da entrada na Igreja que supõe seu batismo, resolve vivê-lo em plenitude:

“confesso e renovo a sagrada profissão feita, em meu batismo, em meu nome, a meu Deus, e me resolvo, de modo irrevogável, a servi-lo e amá-lo com mais fidelidade, entregando-me inteiramente a Ele”²⁹.

Numa atitude de discípula, Santa Luísa descobre que a graça da vida nova em Cristo aumenta ao longo do caminho da vida pela ação do Espírito Santo:

*“Uma das maiores perdas que podem sobrevir às almas que não participam da vinda do Espírito Santo é que os dons infundidos no Batismo não têm seu efeito; aparece uma surpreendente diferença no agir entre as pessoas que estão animadas por eles (dons do Espírito Santo) e as que não estão, cujo agir é terreno e irrazoável...”*³⁰.

Por isso, Santa Luísa implora o dom do Espírito Santo, sua graça vivificante: *“que vossa bondade se digne vir a mim e restabeleça as graças que me concedeu no santo Batismo”*³¹.

Compreendemos assim, porque Santa Luísa propôs às Filhas da Caridade o mesmo caminho: *“...para que chegueis a ser verdadeiras cristãs e perfeitas Filhas da Caridade. Se pedirdes seu Espírito como já vo-lo deu no santo Batismo”*³².

Cada pessoa recebe o batismo na fé da Igreja, assim, Santa Luísa vive de forma consciente e comprometida **sua pertença à Igreja**.

Em várias ocasiões, ela utiliza a expressão *“filha da Igreja”* para se referir a si mesma e às Irmãs: *“temos duplamente a ventura de ser filhas da santa Igreja”*³³. Ao redigir seu testamento, promete: *“diante de Deus e de todas as criaturas, protesto que quero viver e morrer na Igreja Católica... e recomendo a meu filho, tanto quanto posso, que faça o mesmo”*³⁴.

2 - “DEVO IMITAR A JESUS... LEVOU-ME À RESOLUÇÃO DE SEGUÍ-LO ABERTAMENTE”.

Santa Luísa está consciente de que para ser verdadeiramente cristã **tem que viver como Cristo**, tornar-se verdadeira discípula de Cristo:

*“Devo imitar Jesus como uma esposa trata de identificar-se com seu esposo”*³⁵. *“... é muito razoável que sigamos e imitemos sua santíssima vida humana; este pensamento apoderou-se de todo o meu espírito e me levou à resolução de segui-lo abertamente, sem nenhuma preferência, mas sentindo consolo em reconhecer-me tão feliz de ser aceita por Jesus a fim de viver toda a minha vida em seguimento d’Ele. Para isso, formei o propósito de, em toda ocasião de dúvida, quando não souber como agir, considerar o que Jesus fez”*³⁶.

O medalhão do Senhor da Caridade, pintado por Santa Luísa, mostra à direita, a inscrição: *“Aprende de mim”*. Luísa escutou as palavras de Jesus, seu Senhor crucificado: *“Aprende de mim”*. Nas diversas etapas de sua existência buscou com intensidade fixar-se nele:

*“nem mais nem menos como o faria um aprendiz com seu mestre, se verdadeiramente desejasse chegar a ser perfeito”*³⁷. Porque descobriu que somente Ele era **seu Deus e seu tudo**: *“ó meu Deus, vós sois meu Deus e meu tudo, assim vos reconheço e adoro, único e verdadeiro Deus em três Pessoas, agora e por toda a eternidade”*³⁸. *“Meu coração, ainda repleto de júbilo pela compreensão que, me parece, lhe deu nosso bom Deus, destas palavras: Deus é meu Deus!”*³⁹.

Atenta ao convite do seu Deus *“Aprende de mim”*, Luísa desejou ser totalmente de Deus e fazer sua vontade. Como se diz de alguns personagens bíblicos pode-se dizer também que Santa Luísa foi *uma pessoa que caminhou com Deus*⁴⁰. As Irmãs que viveram com ela dão testemunho desta atitude de Luísa de Marillac: *“Confiava, admiravelmente, na Providência em todas as coisas e, principalmente, no que dizia respeito à Companhia, aconselhando também em todas as conferências a essa confiança. Muita era sua conformidade com a vontade de Deus, como se viu na última enfermidade. Referia tudo a Deus, porque dizia que, sem a sua graça, nada se faria”*⁴¹.

Esta especialíssima relação com Deus, descrita por Luísa de Marillac em termos de *esponsais*⁴², explica a fortaleza, a fidelidade, **o sério compromisso desta mulher**: qualquer trabalho, por mais difícil que pareça, não é mais que a participação na comunhão de bens com Jesus Cristo, o Senhor Crucificado, com

quem está unida “*como ao esposo de minha alma... e me senti tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de tudo deixar para seguir meu Esposo e de olhá-lo doravante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens*”⁴³.

3 - A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS

O seguidor de Jesus Cristo deve escutar a Palavra, acolhê-la e praticá-la. Escutar a Palavra de Deus em qualquer das formas apresentadas pela Igreja, significa dizer que ela não é somente um livro de leitura, sobretudo o Evangelho, pois esta Palavra nos convida a um diálogo com Deus.

Luísa respondeu à Palavra de Deus, acolhida a partir da leitura e da meditação pessoal e da sua participação em pregações e sermões, através de um diálogo contínuo que a levou a ser *toda de Deus, somente de Deus*.

Encontramos um testemunho desta leitura da Bíblia no **Regulamento de vida no mundo, redigido por Santa Luísa**: “*Uma vez de pé, farei imediatamente a oração (durante) meia hora ou três quartos; tomarei o tema dos Santos Evangelhos e Epístolas uma hora inteira e, com as Epístolas e Evangelhos, a vida do Santo do dia para que o exemplo desse santo me sirva de instrução...*”⁴⁴.

No **emprego do dia observado pelas primeiras Filhas da Caridade** também aparece esta prática: “*De volta para casa, põem-se a trabalhar, leem para aprender e depois recapitulam os principais pontos de doutrina, em forma de catecismo, leem alguma passagem do Santo Evangelho para estimular-se à prática das virtudes e ao serviço do próximo, à imitação do Filho de Deus*”⁴⁵.

O catecismo redigido por Luísa de Marillac e muitas de suas meditações nos mostram sua familiaridade com a Palavra de Deus, especialmente com os escritos do Novo Testamento e, concretamente, com as atitudes de Jesus propostas no Evangelho, das quais deduz consequências para a vida cristã, para o seguimento de Cristo⁴⁶.

4 - DA NOITE À LUZ PELA GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO

Escritos autógrafos de Santa Luísa que foram conservados refletem bem sua passagem pela noite, aproximadamente entre 1621-1623: “*grande abatimento de espírito, opressão de coração, tão grande, penas, confusão, grandes penas e amarguras interiores...*”⁴⁷. Em meio à obscuridade, a pessoa de fé clama com súplicas ardentes: “*Minha alma vos deseja durante a noite*” (Is. 26, 9); “*Por quanto tempo ainda desviareis de mim o vosso olhar?*” (Sl. 13, 2); “*Senhor, por que ficais tão longe? Por que vos ocultais nas horas de angústia?*” (Sl 9, 22). Este clamor das orações bíblicas deve ter alimentado a oração de Santa Luísa em meio à noite. Um escrito que ela mesma intitulou “**Luz**” e que levava sempre consigo, dobrado várias vezes, faz referência à experiência vivida no dia de **Pentecostes, 4 de junho de 1623**. Os efeitos da ação do Espírito Santo são descritos como “*iluminação, paz, segurança, graça*”⁴⁸.

O Espírito Santo a libertou e permitiu que progredisse no seguimento de Cristo. O Espírito Santo a enriqueceu com seus dons (“*me trouxeram a felicidade de ser dele...*”⁴⁹) e nela habita. O Espírito Santo a selou para sempre com a nova lei do amor: “*e neste mesmo dia, aprouve a Deus colocar em meu coração (uma lei) que nunca dele se afastou...*”⁵⁰... “*sua bondade me concedeu luz e esclarecimento sobre as grandes inquietações e dificuldades que então experimentava*”⁵¹.

A sombra voltará a pairar em outros momentos da existência de Santa Luísa, mas não voltará a ter noite em sua fé, porque a luz a transformou definitivamente:

“*Honrarei a vontade de Deus que dispôs fosse Nosso Senhor conduzido ao deserto por seu Espírito Santo para aí ser tentado...; honrarei também este mistério com uma fé viva e cheia de confiança de que se cumprirão em mim os desígnios de Deus, qualquer que seja o caminho por onde me conduza, desde que eu me deixe guiar*”⁵².

5 - ATENTA À ORIENTAÇÃO DAQUELES QUE

A ACOMPANHARAM ESPIRITUALMENTE

A partir de 1625, o Padre Vicente acompanha espiritualmente Luísa de Marillac que iniciará um novo estilo de vida, uma vida missionária, como visitadora das Confrarias da Caridade: *“Ide, pois, Senhora, ide, em nome de Nosso Senhor”*⁵³. Com a aprovação do Pe. Vicente, empreenderá, pouco depois, em 1633, uma nova forma de vida para ela e para a Igreja, reunindo em sua casa algumas moças *“desejosas ao mesmo tempo de servir os pobres e serem de Deus”*⁵⁴. Com a aprovação do Pe. Vicente fará voto de entregar-se à formação das jovens para o serviço dos pobres em 1634 e votos perpétuos na Companhia em 1642. Apesar de considerar-se um peso para a Companhia e a causa de todos os males, aceitará, por indicação do Pe. Vicente, o estilo de vida que Deus desejou para ela, como Superiora, até a sua morte⁵⁵. Tudo **com a aprovação do Pe. Vicente** porque se tinha proposto aguardar *“as disposições de Deus que, como de ordinário, me serão manifestadas pela santa obediência”*⁵⁶.

Os escritos de Luísa de Marillac expressam em repetidas ocasiões sua decisão de ser totalmente de Deus. Para conseguir isso, ela buscará orientação na direção espiritual; firmemente convencida de que a Vontade de Deus se dá a conhecer por meio daqueles que o Senhor colocou em seu caminho para guiá-la.

O início consciente e decidido da vida espiritual de Santa Luísa ocorre nos anos em que ficou na pensão da senhorita devota. A primeira orientação provém da comunidade dos **capuchinhos do bairro de Saint-Honoré**, cuja Igreja frequenta.

A orientação dos capuchinhos do bairro de Saint-Honoré foi decisiva para a escolha **do estado de vida de Luísa**. Foi o provincial, Pe. Honorato de Champigny, que lhe assegurou: *“Deus tem outros desígnios para vós”*, quando Luísa manifestou seu desejo de fazer-se religiosa⁵⁷.

Seu matrimônio e sua mudança de domicílio e de relacionamentos foram, sem dúvida, decisivos para que Luísa visse em **Jean Pierre Camus** (1583-1652) *a pessoa que o Senhor havia colocado em seu caminho para guiá-la*.

A orientação de Jean Pierre Camus coincide com um momento decisivo no caminhar espiritual de Luísa de Marillac: os anos da **Luz**, que brota em meio à obscuridade.

Conservamos algumas cartas dos anos de 1619 a 1623 dirigidas **por Miguel de Marillac** à Santa Luísa. Elas nos revelam uma verdadeira orientação para a vida espiritual. Podemos pensar que, ao menos durante algum tempo e, provavelmente de forma ocasional, Luísa acorreu a Miguel de Marillac, reconhecido como homem de Deus e membro da família, em busca da orientação em seu caminho espiritual.

Luísa de Marillac, assídua leitura das obras de **Francisco de Sales**, particularmente *da Introdução à Vida Devota* e do *Tratado do Amor de Deus*, teve a oportunidade de **dialogar pessoalmente com ele** por ocasião de suas longas estadias em Paris. Há indícios de que o bispo de Genebra visitou Luísa em sua casa, em 1619⁵⁸. A experiência decisiva da Luz de 1623 é considerada por Luísa como graça recebida *“do Bem-aventurado bispo de Genebra, por haver desejado muito, antes de sua morte, comunicar-lhe minha aflição e depois, haver sentido grande devoção e recebido, por seu intermédio, muitos favores ...”*⁵⁹.

LUÍSA DE MARILLAC: A COLABORADORA

Quando Vicente de Paulo e Luísa de Marillac se encontram, sua colaboração mútua e sua profunda amizade tornarão possíveis não somente as grandes relações caritativas, mas também aquilo que conhecemos como **carisma vicentino**. Vicente ofereceu a Luísa a participação em suas descobertas. Os dois começaram a compartilhar **o carisma único que o Espírito quis suscitar na Igreja**.

Em maio de 1629, o Pe. Vicente confiou a Luísa de Marillac a visita e a animação das Confrarias da Caridade. A missão realizada por Santa Luísa no começo destas visitas nos permite descobrir sua capacidade de colaboração com as próprias mulheres da paróquia, assim como suas iniciativas para promover a participação da mulher na Igreja do seu tempo. Os relatórios destas visitas que enviou para São Vicente, assim como, os regulamentos que foi redigindo, são o melhor testemunho disto:

“Será instituída na Igreja Paroquial... será composta de um número fixo de honestas mulheres casadas ou solteiras... servi-los-ão no seu dia fixo para fazer o serviço.... assistirão à missa rezada da dita confraria...rezarão todos os dias... procurarão uma pregação nos primeiros dias de festa de cada mês”⁶⁰.

A própria Santa Luísa é a fundadora e primeira presidente da Confraria da Caridade em sua paróquia, em Paris.

Muito significativas são também as intervenções de Luísa de Marillac nas Assembleias; as Damas recebiam o exemplo e os encorajamentos de Luísa para sua missão:

“É evidente que, neste século, a divina Providência quis servir-se das mulheres para socorrer os povos arruinados e conceder-lhes poderosa ajuda à sua salvação. (...) É sabido que, desde o nascimento espiritual deste benemérito corpo, tem-se podido apreciar apenas na visita aos doentes deste santo lugar, um bem muito grande para o próprio lugar e para as pessoas que nele encontraram meios para sua salvação; uns morreram santamente, preparados pelas confissões gerais organizadas, outros, após essa confissão, se mostraram em admirável estado de conversão, e, as próprias Senhoras entraram no caminho da santificação que não é outro senão o da caridade perfeita, como a tem praticado, muitas vezes, com perigo da sua vida, tendo-se visto senhoras de altíssima condição como princesas e duquesas, sentadas à cabeceira dos doentes durante horas inteiras, para instruí-los nas coisas necessárias para sua salvação e ajudá-los a sair dos perigos em que se encontravam”⁶¹.

Para fomentar a participação da mulher na vida e na missão da Igreja, Santa Luísa atuou também como diretora de Exercícios Espirituais, tal como atesta sua correspondência com São Vicente e descreve seu primeiro biógrafo:

“Recebia em sua casa de La Chapelle todas que se apresentavam fosse para recobrar a graça de Deus ou para se fortalecer na virtude. Muitas senhoras, mesmo da mais alta condição, atraídas pelo seu zelo, deixaram Paris e se privaram do contato com o mundo para passar alguns dias numa aldeia e conversar com Deus; abandonaram as doçuras e delicadezas da vida para pensar em sua salvação num lugar de mortificação e penitência; e sem olharem sua categoria ou sua classe entravam na casa das servas dos pobres para com elas sujeitarem-se à disciplina de uma superiora e aprender a desprezar as riquezas e a glória com sua instrução e exemplo”⁶².

LUÍSA DE MARILLAC: A FORMADORA

Em 29 de novembro de 1633, Luísa de Marillac reúne em sua casa as primeiras Filhas da Caridade. Elas serão, na expressão de São Vicente, o fundamento da Companhia, as pedras preciosas que Luísa deverá talhar:

“Quando Salomão edificou o Templo que destinava ao serviço de Deus, mandou lançar nos alicerces muitas pedras preciosas, diamantes, rubis, topázios, jacintos, esmeraldas, opalas... Que julgais vós que queria Deus significar com isto? (as primeiras Filhas da Caridade) serão modelo de todas quantas se lhe seguirem”⁶³.

As jovens que chegavam eram “umas pobres camponesas”, segundo a expressão de São Vicente e, não sabiam ler nem escrever⁶⁴, por isso:

“de volta para casa, põem-se a trabalhar, leem para aprender e depois recapitulam os principais pontos de doutrina, em forma de catecismo, leem alguma passagem do Santo Evangelho para estimular-se à prática das virtudes e ao serviço do próximo, à imitação do Filho de Deus”⁶⁵.

O trabalho que Luísa deveria realizar era enorme: construir o edifício de sua vida espiritual sobre sua pobreza humana. Gobillon assegura:

*“Esta superiora tão esclarecida e tão espiritual colocou grande cuidado em formar suas filhas no espírito da oração; recomendava-lhes sua prática como um meio absolutamente necessário para se manter em sua vocação”*⁶⁶.

Na conferência realizada em 31 de maio de 1648, sobre a oração, quando questionada por São Vicente, Luísa de Marillac expõe os motivos para praticar a oração:

*“... vi que uma das razões que temos para não deixar de fazer a oração todos os dias é a sua excelência, pois, fazendo-a, falamos com Deus. E nisto percebi grandes vantagens: Deus podendo fazer-nos conhecer por este meio a Sua bondade a ponto de humilhar-se e elevar-nos de tal maneira. Outra razão é a recomendação que o Filho de Deus tantas vezes fez de orarmos a Deus seu Pai com palavras e com exemplos, tanto pela oração vocal que Ele próprio nos ensinou, como pela mental, advertindo-nos que Deus quer ser servido em espírito e em verdade. A terceira razão é que, sendo a oração um dom de Deus, devemos fazer o possível para atraí-lo sobre nós, não somente pelo grande proveito que daí nos pode advir, mas também pelo apreço que devemos fazer do doador”*⁶⁷.

Em sua correspondência e em seus escritos, Santa Luísa de Marillac acrescenta sempre **novos motivos para praticar a oração**:

- Na oração encontramos todos os conselhos de que precisamos⁶⁸.
- Ali podemos consultar Nosso Senhor nas necessidades interiores e exteriores⁶⁹.
- A oração adorna e embeleza a consciência e a vontade para que Jesus possa nascer em nós⁷⁰.
- É como o incenso (em referência à festa da Epifania)⁷¹.
- O Senhor nunca nos faltará, por isso temos que cuidar para não faltar nunca à oração por nossa pouca correspondência ao seu santo amor⁷².

De acordo com o testemunho das Irmãs, ao falar da oração Santa Luísa teria afirmado que era preciso gostar da oração mental e que mesmo se não tivéssemos vontade de fazê-la, jamais se deveria abandoná-la, que era preciso fazê-la com recolhimento, humildade e fervor⁷³.

Luísa de Marillac estava sempre atenta à vida de oração das Irmãs, e insistia na fidelidade e perseverança⁷⁴. Interessava-se pelos efeitos que devia produzir na comunidade: união, tolerância...:

*“Querida Irmã, gostaria de que me dissésseis algo sobre vossa vida espiritual; se observais, com amor, vossas pequenas regras, se partilhais, em algum momento do dia, a vossa oração, se fazeis a conferência das sextas-feiras e se tendes tempo para os outros exercícios. Quanto ao resto, não duvido de que vossos corações vivam em grande união, que vos comunicais mutuamente o que fazeis. Se assim não fosse, não sentiríeis a consolação que Nosso Senhor promete aos que estão reunidos em seu nome: a de estar no meio deles. Quero crer, querida Irmã, que a tolerância existente entre vós, vos leva a gozar de seus efeitos”*⁷⁵.

Em várias cartas ela fala do livro de oração, da liturgia das horas, de meditação ao uso das Irmãs e dá sugestões para a meditação e a leitura espiritual⁷⁶.

Em todos os horários e regulamentos elaborados ou revisados por Santa Luísa, ela coloca de maneira prática o momento e a maneira para que as Irmãs façam oração⁷⁷. Luísa de Marillac também iniciou as Irmãs na prática de partilhar a oração na comunidade, da repetição de oração, de prestar contas da leitura ou da oração⁷⁸.

Na formação para a oração, Santa Luísa insiste particularmente na importância de **viver de modo que se favoreça a união com Deus**, para isto ela dizia que era preciso:

- manter o recolhimento interior em meio às suas ocupações⁷⁹.
 - ser muito simples estando sempre na presença de Deus⁸⁰.
 - deixar Deus agir, permitir que ele reine inteiramente sobre a nossa vontade⁸¹.
 - favorecer a união com Deus em todas as coisas⁸².
- Querer agir sempre em união com as ações de Jesus: *“será conveniente que todas as manhãs, as Irmãs peçam, cada uma no seu interior, (a fim de não multiplicarem as orações já prescritas pela Regra), a bênção do nosso bom Deus, para a agirem segundo o espírito de seu Filho quando estava na terra, ao empreender as obras de Caridade que terão de fazer, ou melhor, que esse mesmo espírito atue por meio*

*delas. Comecem cada dia pensando estar acompanhadas por Jesus Cristo, pela Santíssima Virgem e por seus bons Anjos da Guarda...*⁸³.

- Viver na presença de Deus: *“Nossa conversa interior com Deus deve ser, como me parece, a lembrança habitual de sua santa presença, adorando-o ao toque de cada hora, fazendo atos de amor para com sua bondade, lembrando-se tanto quanto possível dos motivos que mais nos impressionaram na oração e, principalmente, dos afetos e resoluções que nela tomarmos para corrigir-nos e adiantar-nos neste santo amor*⁸⁴. *“Abandonemo-nos frequentemente a Ele, mostremos-lhe nosso coração cheio de confiança e gratidão e, de vez em quando, procuremos ter nos lábios algumas orações jaculatórias”*⁸⁵.

- Não desculpar-se com a falta de tempo ou a seriedade dos assuntos que se tem em mãos para descuidar da prática da oração⁸⁶.

- Fazer com que a oração não se reduza a um tempo, mas que se prolongue ao longo do dia e na missão ou serviço que nos foram confiados: *“Uma prática que nosso Honoratíssimo Pai nos ensinou em uma de suas últimas conferências feita para nós, muitos vos será útil. É, querida Irmã, a de habituar-nos a olhar para Deus no começo e no fim de nossas ações; fazer um ato de humildade, reconhecendo-nos indignas de praticá-las; e um ato de amor ao empreender tal ação por seu santo amor, oferecendo-a unida à ação semelhante feita por seu Filho quando estava na terra. Sua caridade assegurou-nos que se nos exercitarmos, durante oito dias, nesta prática, se nos tornará um costume e assim o faremos já sem custar-nos esforço. Sei que vos afeiçoareis fortemente a esta prática: devemos pensar ter ela sido inspirada por Deus”*⁸⁷.

Na hora da provação, quando não sentir nada na oração, não descuidar da oração ainda que apareçam dificuldades⁸⁸. No progresso do itinerário da oração, tem que se contar com a provação, a purificação e permanecer fiel⁸⁹.

LUÍSA DE MARILLAC: A FUNDADORA

Durante as visitas às Confrarias nas paróquias das aldeias, depois de fundar a primeira Caridade em sua paróquia de Paris (em 1630) e organizar outras, Santa Luísa vai perceber um outro chamado: é necessário assegurar um serviço permanente e são necessárias, sobretudo, pessoas dispostas a realizar determinados trabalhos (como levar o caldeirão, fazer limpeza, etc.) que as senhoras das Confrarias estavam descuidando. Estas pessoas serão as boas moças do campo *“desejosas de servir os pobres e ser de Deus”*.

São Vicente não quis precipitar-se; impôs a Santa Luísa um tempo de espera: *“e no que concerne à questão do vosso emprego, não tenho ainda o coração bem esclarecido diante de Deus, sobre a dificuldade que me impede ver se é da vontade de sua divina Majestade. Insistamos, pois, nas orações”* (SV, I, 223).

Em setembro de 1633, parece que São Vicente já se tinha decidido e lhe escreve: *“Há quatro ou cinco dias, vosso bom anjo se comunicou com o meu no tocante à Caridade de vossas filhas. Com efeito, ele me sugeriu, na verdade, com frequência, a lembrança delas e pensei seriamente nessa boa obra. Falaremos disso”* (SV I, 242).

Em 29 de novembro de 1633, na casa de Luísa de Marillac e sob sua direção, nascia a Companhia das Filhas da Caridade. Uns meses depois, *“no último dia de julho de 1634, numa terceira e última conferência, deu o Senhor Padre Vicente, à pequena Congregação das Filhas da Caridade, as regras e a instrução sobre o modo de praticá-las...”*. Santa Luísa registrou na primeira conferência às Filhas da Caridade que nos foi conservada: *“...já algum tempo que estais juntas para viver em comum e todavia não tínheis ainda um regulamento para a vossa maneira de viver”*⁹⁰.

As explicações de São Vicente partem de um documento conhecido como “Emprego do Dia”⁹¹, redigido por Santa Luísa. Ainda que se trate propriamente da ordem do dia das primeiras Filhas da Caridade, as explicações de São Vicente e o diálogo com as Irmãs em suas conferências mostram a originalidade desta forma de vida, que documentos posteriores concretizaram e especificaram.

Santa Luísa preparou, algum tempo depois, o “Projeto de Regulamento”⁹². São Vicente, na conferência de 19 de julho de 1640, situa a Companhia dentro do plano de Deus e anuncia para o futuro uma **regra geral**, além dos **regulamentos** para os diversos lugares e serviços.

“Em tudo que fizestes nestes anos passados, minhas Filhas, fostes guiadas pela tradição, mas para o futuro, se Deus quiser, tereis as vossas pequenas regras...”⁹³.

A **aprovação** da Companhia e do Regulamento (nomeado agora como Regras) pelo Arcebispo de Paris traz a data de 20 de novembro de 1646⁹⁴. Recebida a aprovação do arcebispo de Paris e seu Regulamento, Santa Luísa escreve a São Vicente:

“Estes termos de dependência tão absoluta do senhor Arcebispo não poderiam prejudicar-nos, no futuro, dando liberdade de subtrair-nos da direção do Superior Geral da Missão? Não é necessário, senhor, que mediante este documento de aprovação, vossa caridade nos seja dado como diretor perpétuo? Seria intenção do senhor Arcebispo que estes regulamentos que devemos receber, sejam os indicados em seguida, à petição? (...) Em nome de Deus, Padre, não permitais que nada se faça que deixe uma possibilidade, por pequena que seja de separar a Companhia da direção que Deus lhe deu. Podeis ter a certeza de que, imediatamente, ela deixaria de ser o que é e, os pobres doentes já não seriam socorridos...”⁹⁵.

A insistência de Santa Luísa levará à redação de um **novo Regulamento** com uma **nova aprovação** do senhor Arcebispo (18 de janeiro de 1655)⁹⁶.

São Vicente comunica às Irmãs a **nova aprovação** na conferência de 8 agosto de 1655:

“... pensou-se que seria bom ter meninas de condição inferior e instruí-las... o que a Senhora Le Gras faz há vinte e cinco anos com grande bênção de Deus. Tinham regras e viviam observando-as fielmente. No começo foi um pequeno bloco de neve e esta companhia aumentou de tal forma e tornou-se tão agradável a Deus que podemos dizer com verdade que foi Deus quem fez esta obra, porque se estendeu a toda parte. Vou ler não só a aprovação do vosso estabelecimento pelo Senhor Arcebispo de Paris e a confirmação desta pelo Senhor Cardeal de Retz, seu coadjutor, como também vossas regras. O que ele fez com efeito; as nossas Irmãs ficaram tão comovidas que não contiveram as lágrimas”⁹⁷.

A intervenção de Santa Luísa, tal como a vimos neste breve resumo, nos permite reconhecer sua participação na fundação da Companhia. Mas devemos destacar, imediatamente, que sua intervenção não ficou reduzida unicamente ao processo de redação dos documentos fundacionais, ela participou, sobretudo, na configuração desta **nova forma de vida** na Igreja que são as Filhas da Caridade.

Luísa de Marillac cuidou, de todas as formas, para que não houvesse nada na nova Companhia das Filhas da Caridade que pudesse fazê-las religiosas; esta é uma preocupação constante: *“receio de que os Administradores intentem fazer de nossas Irmãs religiosas, tenho medo, pois, agora, não está mais lá a nossa boa Irmã Elisabeth, sendo fácil convencer as outras”⁹⁸.*

Evitar os símbolos das religiosas não quer dizer que as Filhas da Caridade não tenham que buscar a perfeição e, inclusive, mais: *“as Filhas da Caridade estão, enfim, obrigadas a trabalhar para se tornarem mais perfeitas que as religiosas”⁹⁹.*

Luísa de Marillac zela para que as Irmãs amem a própria vocação sem deixar-se impressionar pelo estilo de vida das religiosas:

“Gostais de vosso modo de viver? Julgai-o mais excelente para vós do que todos os mosteiros ou ordens religiosas, posto que para ele Deus vos chamou? Por um secreto desígnio da Divina Providência considerai-vos unidas mutuamente para vossa santificação. O forte suporta bem o fraco, cada uma por sua vez, porém, com cordialidade e afabilidade? Lembrai-vos sempre da afirmação que nos fez o nosso Honoratíssimo Pai numa conferência, de que tínhamos um claustro como as religiosas, e que para as almas fiéis a Deus era tão difícil sair dele, assim como para as religiosas do seu, embora não se tratem de pedras, mas da santa obediência que há de ser a regra de nossos desejos e ações. Suplico a Nosso Senhor, cujo exemplo nos encerrou nesse claustro santo, que nos conceda a graça de jamais fugir dele”¹⁰⁰.

À todas as jovens que desejam entrar na Companhia, Luísa acredita ser necessário explicar-lhes bem: *“... que esta não é uma ordem religiosa, nem um hospital donde não se sai, mas sim que irão continuamente em busca dos pobres doentes em diversos lugares, nas horas determinadas, faça o tempo que fizer. Que elas*

*se vestem e se alimentam muito pobremente, sem jamais cobrir a cabeça senão com uma touca de tecido, quando for muito necessário”*¹⁰¹ .

Apenas um ano antes de sua morte, Santa Luísa continua insistindo na identidade da Companhia, tal como refletiu nesta carta a São Vicente: *“Alguns espíritos exigentes da Companhia sentem repugnância pelo nome de Confraria e só aceitam o de Sociedade ou Comunidade. Tomei a liberdade de dizer que a dita palavra nos é essencial porque muito poderia servir para manter-nos com firmeza, sem inovar coisa alguma, e, para nós, significava secularidade. E, tendo a Providência feito acrescentar Sociedade e Companhia, isto nos ensinava que devemos viver observando as regras que recebemos ao ser erigida a nossa Companhia tal como nos foi explicado”*¹⁰².

LUÍSA DE MARILLAC: A MÃE

O próprio São Vicente de Paulo, nas conferências realizadas para falar das virtudes de Santa Luísa, nela apresenta como uma **Mãe** e não duvida em atribuir-lhe o poder de intercessão em favor de suas filhas:

“Minhas Irmãs... pedi muito a Nosso Senhor que vos conceda... por intercessão da Senhora Le Gras” (conf. de 3 de julho de 1660, pág. 911).

“Coragem! Tendes no céu uma Mãe com muito crédito que alcançará de Deus para vós a graça...”(conf. de 3 de julho de 1660, pág. 912).

“.. pedi a Deus que vos conceda a graça de proceder cada vez melhor”(Conf, de 24 de julho de 1660, pág. 922-923). *“Contemplamos este belo quadro. Está já no céu, mas precisamos de uma cópia deste belo modelo”*¹⁰³.

Ao referir-se a morte de Luísa, em uma carta à Irmã Nicole Haran, São Vicente escreveu: *“Comuniquei-vos pelo último correio, uma triste notícia, ou seja, a perda que tivemos da Senhora Le Gras. É preciso louvar a Deus por isso e esperar que Ele vos faça as vezes de pai e mãe”*¹⁰⁴.

Por ser Fundadora e Mãe, Luísa de Marillac é “um modelo no qual podemos confiar” (Sv, Co. de 3 de julho de 1660, pág.913). Conhecer Santa Luísa, ler seus escritos com atenção para nos inspirar não é uma moda ou uma proposta simpática em nossas comunidades. Trata-se de responder ao apelo da **identidade e da fidelidade**. A argumentação apresentada pelo Irmão Ducournau para convencer seus companheiros da necessidade de recolher e ordenar as palavras do Pe. Vicente poderia ajudar-nos também em relação aos escritos de Santa Luísa: *“A maior herança dos pais é a boa instrução que deixam para seus filhos. Talvez alguém diga que o Padre Vicente não disse nada que não possa ser lido nos livros. Respondo que talvez seja verdade. No entanto, sabemos que, para alimentar bem os filhos, o melhor é o leite de sua própria mãe e que os carinhos ensinamentos de seu pai causam mais impressão em suas almas do que os dos mestres, devido ao carinho e ao afeto natural que Deus imprimiu em todos os tipos de pessoas por aqueles que o geraram. Além disso, é difícil encontrar nos livros as belas ideias e os bons sentimentos que recebemos das conferências deste pai caridoso, já que no-las deu segundo nossas necessidades e nossas obrigações, que são muito diferentes das outras companhias que escreveram o que diz respeito a elas ...”*¹⁰⁵.

Para que sejamos boas Filhas da Caridade, segundo a expressão de São Vicente citada no início desta reflexão, voltemos nossos olhos para a Mãe e Fundadora. Aí está o apelo que a Igreja no dirige: *“O próprio carisma dos Fundadores revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos a fim de ser por eles vivida, conservada e aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento. (...) A nota carismática própria de qualquer Instituto exige, tanto do Fundador como dos seus discípulos, contínuo exame da fidelidade ao Senhor, da docilidade ao seu Espírito, da atenção inteligente às circunstâncias e aos sinais dos tempos. (...) De modo particular nos nossos tempos exige-se a mesma genuinidade carismática, vivaz e engenhosa nas suas iniciativas”*¹⁰⁶.

PADRE CORPUS DELGADO, CM

Notas:

¹ SÃO VICENTE DE PAULO. Conferência de 24 de julho de 1660, sobre as virtudes de Luísa de Marillac.

² J. CALVET. Santa Luísa de Marillac. Autorretrato. Lisboa.

³ SL, E. 19, pág.804.

- ⁴ "Vie de Mademoiselle Le Gras" N. Gobillon p. 5 Chap. 1
- ⁵ Documentos nº 633: Conselho de 8 de setembro de 1655, pág. 806
- ⁶ Documentos, nº 822, pág. 1079
- ⁷ N. GOBILLON, o.c., p. 07
- ⁸ Antônio Le Gras, secretário da rainha regente (Maria de Médicis), tinha 32 anos de idade quando contraiu matrimônio com Luísa de Marillac (de 22 anos).
- ⁹ SL, C. 96, pág. 116
- ¹⁰ SL, C. 1, pág. 16
- ¹¹ SL, E. 111, pág. 960
- ¹² SV I, 654.
- ¹³ Documentos, nº 417.
- ¹⁴ SVP III, pág. 397.
- ¹⁵ SL, E. 46, pág. 858
- ¹⁶ SVP I, 189.
- ¹⁷ SV I, pág. 239
- ¹⁸ SL, C. 606, pág. 647
- ¹⁹ SV I, pág. 654.
- ²⁰ SV II, pág. 214.
- ²¹ L. Abelly "*La vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paul*" p. 239
- ²² C. 603, pág. 645
- ²³ C. 437, pág. 483
- ²⁴ SL, E.55, pág. 885
- ²⁵ SV I, pág.130
- ²⁶ SV I, pág. 344.
- ²⁷ SV III, pág.234.
- ²⁸ SV I, pág. 276.
- ²⁹ SL, E. 4, pág. 782
- ³⁰ SL, E. 98, pág.938
- ³¹ SL, E. 98, pág.939
- ³² SL, C. 712, pág.752
- ³³ SL, C. 197, pág. 233
- ³⁴ SL, E. 111, pág. 959
- ³⁵ SL, E. 22, pág. 810
- ³⁶ SL, E. 22, pág. 808
- ³⁷ SL, E. 23, pág.813
- ³⁸ SL, E. 4, pág.782
- ³⁹ SL, C. 348, pág. 387
- ⁴⁰ Cf. Gn 5, 22.
- ⁴¹ SV, Conf. de 3 de julho de 1660, pág.915
- ⁴² SL, E. 13, pág. 796
- ⁴³ SL, E. 16, pág.799
- ⁴⁴ SL, E. 7, pág. 786
- ⁴⁵ SL, E. 30, pág. 834
- ⁴⁶ Cf. E. 29, pág. 822
- ⁴⁷ Cf. E. 1,2,3.
- ⁴⁸ Cf. E. 3, pág. 781
- ⁴⁹ SL, C. 127, pág. 149
- ⁵⁰ SL, C. 345, pág.385
- ⁵¹ SL, E. 53, pág. 879
- ⁵² SL, E. 22 pág.810
- ⁵³ SV I, pág.83.
- ⁵⁴ A. Dodin "*S. Vicente de Paulo e a Caridade*" E. du Seuil 1960 p. 38
- ⁵⁵ Ver as cartas de SL: C. 76; C. 374; C. 394.
- ⁵⁶ SL, C. 121, pág. 143
- ⁵⁷ N. GOBILLON, C.1, p. 7.
- ⁵⁸ Cf. N. GOBILLON, o.c., p.17
- ⁵⁹ SL, E.3, pág. 782
- ⁶⁰ SL, E. 18, pág. 801
- ⁶¹ SL, E. 71, pág. 903
- ⁶² N. Gobillon p. 78-79
- ⁶³ SV, Conf.de 1º de maio de 1646, pág. 173
- ⁶⁴ SV, conf. De 19 de julho de 1640, pág. 12
- ⁶⁵ SL, E. 30, pág.834
- ⁶⁶ N. GOBILLON, o.c., pág. 99.
- ⁶⁷ SV, Conf. de 31 de maio de 1648, pág.270
- ⁶⁸ SL, C. 221, pág.261
- ⁶⁹ SL, C. 449, pág. 495
- ⁷⁰ SL, E. 40, pág. 844
- ⁷¹ Ibidem.
- ⁷² SL, C. 454, pág.500
- ⁷³ Rec. 5, item 139
- ⁷⁴ SL, Cartas 22, 371, 379, 536, 588, 681.
- ⁷⁵ SL, C. 536, pág.579
- ⁷⁶ SL, Cartas 272, 359, 449, 516, 517, 525, 676, 684, 717, 728.
- ⁷⁷ Em todos os regulamentos, nos da Casa, nos dos diversos ofícios, nos das diversas fundações e inclusive quando se vai viajar. SL, E. 30, 41, 42, 43, 45, 48, 50, 55, 75, 91, 92, 101. Cf. SVP IX, 1100.
- ⁷⁸ SL, C. 69, 371, 536, 537, 638. E. n. 30, 42, 43, 92.
- ⁷⁹ SL, C. 638, pág.678
- ⁸⁰ SL, C. 623, pág. 664

- ⁸¹ SL, C. 502, pág. 547
- ⁸² SL, C. 542, pág. 584
- ⁸³ SL, E. 55, pág. 884
- ⁸⁴ SL, E. 104, pág. 948
- ⁸⁵ SL, E. 104, pág. 949
- ⁸⁶ SL, C. 379, pág. 416
- ⁸⁷ SL, C. 516, pág. 561
- ⁸⁸ SL, C. 49, pág. 66
- ⁸⁹ SL, C. 609, pág. 650
- ⁹⁰ SV, conf.de 31 de julho de 1634, pág. 01.
- ⁹¹ SL, E. 30, pág. 833. Cf. Doc. 107.
- ⁹² Cf. SL, E. 31, pág. 835.
- ⁹³ SV, conf de 19 de julho de 1640, pág. 12.
- ⁹⁴ Documentos n° 427 e 428. Cf. A súplica ao Arcebispo de Paris (agosto-setembro de 1645) acompanhado pelo **Regulamento** (Doc. n° 391 e 392). Mas, no ano seguinte, o Padre Portail continua a trabalhar no assunto para dar os últimos retoques (Doc.n°401; cf. Doc. n° 394 e 669).
- ⁹⁵ SL, C. 181. Cf. SVP III, 254-255, IV, 221. Doc. n° 450.
- ⁹⁶ Documentos n° 613 e 614
- ⁹⁷ SV, conf. de 8 de agosto de 1655, pág. 530
- ⁹⁸ SL, C. 293: *“Por favor, senhor Abade, informai-me me nesse primeiro artigo dos regulamentos de nossas Irmãs, se há algo que indique ser uma Comunidade Regular e diferente da de Angers, porque nunca foi esta minha intenção. Ao contrário, estive duas ou três vezes com o senhor Vigário Geral para explicar-lhe que éramos apenas uma família secular e que, estando ligadas à Confraria da Caridade, tínhamos o senhor Padre Vicente, Geral dessas Confrarias, como nosso Diretor. Inteirado de nossos exercícios, desde o primeiro instante levou ao conhecimento do senhor Bispo de Nantes a forma particular de nossa instituição. Ele a aprovou tão completamente que a assinou junto com os senhores do Conselho Municipal”*, pág. 334
- ⁹⁹ SL, C. 690, pág.729
- ¹⁰⁰ SL, C. 420, pág.463
- ¹⁰¹ SL, C. 618, pág. 659
- ¹⁰² SL, C. 671, pág. 712
- ¹⁰³ SV, conf de 24 de julho de 1660, sobre as virtudes de Luísa de Marillac, pág. 917.
- ¹⁰⁴ Documentos n° 790, pág. 1035
- ¹⁰⁵ Coste XII p.445 e 448 Testemunho do Irmão Ducourneau.
- ¹⁰⁶ Instruction “Mutuae Relationes” n° 11-12-23